



COMISSÃO ESTADUAL DA

MEMÓRIA

E VERDADE

DOM HELDER CÂMARA

**TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO RESERVADA REALIZADA EM
14/11/2013**

LOCAL : AUDITÓRIO da FUNDAJ

DEPOENTE:

- **JORGE BARRETT VIEDMA**

Fernando Coelho - Havendo número legal considero aberta mais uma sessão da Comissão da memória e da Verdade Dom Helder Câmara.

A sessão de hoje foi programada para ouvirmos o depoimento do Sr. Jorge Barrett no processo da Granja São Bento, e eu queria convidá-lo para tomar assento aqui à mesa. Queria convidar também para tomar assento à mesa a Dra. Carolina Furtado, Procuradora da República, cuja presença nos honra sobremodo, até por que ela tem dado uma grande colaboração aos trabalhos dessa Comissão. Estão participando da mesa também os relatores do processo, os Drs. Manoel Moraes e José Áureo Bradley. Eu passo a palavra ao Dr. e Professor Manoel Moraes para que ele dê início aos trabalhos fazendo, como de costume, a qualificação do depoente.

Manoel Moraes - Nós hoje estamos reunidos, Coordenador Dr. Fernando Coelho, Dra. Carolina, Dr. José Áureo, Sr. Jorge Barrett, numa sessão muito importante para a relatoria que trata da VPR, Vanguarda Popular Revolucionária, organização que atuou em Pernambuco e que figura sobre essa organização o massacre caracterizado como Massacre da Granja São Bento. Nós temos aqui, nessa relatoria, ela é compartilhada pelos companheiros aqui listados, Henrique Mariano que não pôde estar presente em função de uma atividade da Comissão, Gilberto Marques, eu, como relator e José Áureo também. Essa relatoria então, ela já teve uma audiência pública onde, Jorge, nós tivemos a presença de Guanaíra Amaral e de Alfredo Lopes. Esse primeiro depoimento foi muito importante por que trouxe elementos, inclusive, também através do depoimento de Genoíno Neto de quem fizemos a oitiva lá em Brasília, no Congresso Nacional, e de outras pessoas que vem colaborando com esse trabalho, além de pesquisas bibliográficas, de documentação; nós preparamos um roteiro para essa ouvida o qual apresentamos já a Jorge. E eu queria agradecer, Jorge é irmão de Soledad Barrett Viedma, e ele tem também nos ajudado muito a partir de um contato, e uma pessoa que tem também colaborado e que eu queria agradecer é Felipe Campos, um pesquisador, jovem pesquisador, desse assunto, desse tema, e tem colaborado muito com a Comissão da Verdade, assim como o jornalista Samarone Lima que está vindo também participar dessa oitiva.

Então, essa organização passa a atuar em Pernambuco a partir de uma liderança que será tratada nesse depoimento. Então, eu queria agradecer a presença de todos, do membro do Ministério Público Federal Dra. Carolina Furtado, Procuradora da República e, naturalmente, a partir do roteiro que foi preparado, se houver necessidade intercalaremos com imagens, fotos que ajudem o depoente a fazer esse

seu momento, essa colaboração histórica para o Estado de Pernambuco. Eu quero dizer, Jorge, que nós recebemos a sua vinda aqui com muita alegria; nós estivemos, desde segunda feira, visitando lugares que Jorge inclusive reconheceu, não é, retomando essa história de uma forma muito importante, eu tenho certeza, marcando a sua vida e marcando a história de Pernambuco. Eu quero agradecer a ele e a todos os presentes e a partir daí pedir, Jorge, que você faça a sua qualificação, que é a sua apresentação, nome, onde você mora, um endereço que você possa declinar em função dos termos mais oficiais do depoimento. E você tem, de início, 15 minutos, onde você pode fazer uma abordagem mais geral nesse momento que você vem a público colaborar para a elucidação dessa história, considerando que, por muitos anos, você optou por não fazer essa exposição pública, mas em função desse apelo da Comissão da Verdade, você tem colaborado de forma decisiva. Então você tem 15 minutos, pra fazer uma abordagem mais geral e a partir daí damos início ao roteiro que a gente previamente preparou. Muito obrigado.

Jorge Barrett - Bom dia a todos, estou aqui, vão me desculpar porque a emoção, acho que vocês compreendem, as vezes minha voz vai fechar e eu sendo quase um menino, com 20 anos, fui convidado... Ah, sim...meu nome é Jorge Barrett Viedma, moro em Assunção, Paraguai, meu endereço é Rua Santiago, 1239 e minha carteira de identidade 315685 expedida pelo Departamento de Identificação Civil do Paraguai.

Vou voltar atrás, me desculpem, vou começar diferente. Em 1907, nasce meu pai e como filho de uma pessoa famosa nesse momento que se chamava Rafael Barrett y Alvarez de Toledo. Escritor, anarquista, filho de "sangre noble" inglesa e "sangre noble" espanhola, a ovelha preta da família pra eles, não? Ele chega na Argentina, esse meu avô, chega na Argentina, trabalha num jornal, esse jornal manda ele pro Paraguai; no Paraguai conhece minha avó, se apaixona e nasce meu pai: Alejandro Rafael Barrett. Meu avô ficou famoso pela defesa dos trabalhadores e dos escravos no Paraguai, escravos que oficialmente não o eram; escravos que trabalhavam por um pequeno salário que lhes foi adiantado e que depois entra em dívida com a empresa, que até hoje se conhece esse método, não é? Essa empresa ainda hoje existe, chamada Industrial Paraguaia. Logicamente, começou a ser perseguido pelo Governo que era totalmente, e ainda continua sendo, defensor unicamente dos empresários e Paraguai nesse momento está entre os primeiros lugares de corrupção no mundo, praticamente a mesma situação daquela época.

Devido a isso, bem, meu avô morreu em 1910, três anos depois de ter nascido meu pai. Devido a essa já tradição, dessa herança de luta social, de lutador social, meu pai também virou lutador social, ainda que a família pela parte da minha avó tinha muito dinheiro, tinha fazendas, tudo isso, mas ele não...vamos dizer, também como meu avô,

preferiu ficar de fora de tudo isso. E anos mais tarde, já com alguns anos a mais, ele virou um dos fundadores do Partido Comunista do Paraguai. Em 1932, com 25 anos, ele arma um exército pessoal entre os camponeses e marcha para...se apresenta ante o Exército, ele tinha estudado na Marinha da Argentina, se apresenta ante o Exército solicitando armas para lutar na Guerra do Chaco. Terminada a luta na Guerra do Chaco ele participa em 1947 na Guerra Civil e, perdendo a guerra o grupo em que ele estava teve que emigrar para a Argentina, sendo muito perseguido desde então até 1974, ainda com a ditadura de Alfredo Stroessner.

Em todo esse tempo, meu pai conhece minha mãe, tiveram 10 filhos, um desses filhos, uma filha, foi Soledad Barrett Viedma falecida aqui no estado de Pernambuco em 1973. Eu sempre fui um menino que ficava de lado por que era o menor de todos. Sempre fui instruído para quando se passasse alguma coisa com alguém da família... por que todos os meus irmãos, meu pai, minha mãe, foram integrantes de grupos lutando contra a ditadura de Alfredo Stroessner, no Paraguai.

Em 1960 meu pai foi preso. Logicamente torturado, todas essas coisas, mas não foi morto. Passaram ele pra uma prisão e chegou a informação de que ele ia ser liberado pra ser morto fora. Aí, o Partido Comunista, militantes, fizeram uma pequena ação e tomaram ele no carro, na porta da prisão, saindo em alta velocidade e trocando de carro duas vezes até chegar na Embaixada Uruguaia, aonde já estava sendo esperado. Como asilado político já chega no Uruguai e no ano seguinte os outros membros da família foram saindo do Paraguai por que já era uma situação insustentável pra nós.

Soledad então, já no Paraguai, sendo adolescente, ela militava em movimentos estudantis e chegando no Uruguai, ela começa a participar em atividades do Partido Comunista Uruguaio, ao mesmo tempo participando em atividades que fazia a comunidade de asilados políticos do Uruguai, para dar a conhecer os horrores que estava vivendo o Paraguai todo.

Até eu, sendo menino muito pequeno, 10 anos, integrava o grupo de dança que sempre era prévia àquelas declarações que sempre fazia esse grupo de militantes. Danças tradicionais do Paraguai, logicamente. No ano seguinte que eu cheguei ao Uruguai, que foi 1962... perdão, no mesmo ano que eu cheguei, em 1962, um grupo de "ball kids" em inglês, "cabeças rapadas" em português, "pro nazis" em universal, decidem fazer uma atentado contra uma pessoa qualquer. Deu-se a casualidade, aparentemente casualidade, de que minha irmã estava saindo de uma casa quando esse jipe começou a ir atrás dela, pegaram ela, levaram, não foi violentada, nada disso, mas eles tinham conhecimento finalmente de que ela seria de esquerda por que a casa onde ela estava era de um deputado do Partido Comunista. E tentavam...não sei, ninguém sabe o que tentavam fazer por que pressionavam pra ela gritar coisas contra

a esquerda, contra o Partido Comunista e, finalmente, marcaram duas cruzes daquelas nazis, assim, essas famosas cruzes, suásticas, nas (ininteligível), nas pernas e marcaram não somente as pernas dela mas também a vida dela, a vida futura dela. Imediatamente foi atendida, fizeram diligências, mas a polícia nunca avançou em nada.

Começaram ameaças contra a família, começaram a passar carros estranhos olhando, seguindo a gente, então ela começou a mostrar o seu caráter de não dar o braço a torcer. Ela começou a assistir conferências estudantis, conferências do Partido Comunista onde ela era apresentada para contar o caso como foi. Virou uma oradora excelente e começou a virar uma figura política o que desencadeou ainda mais pressão e ameaças e tudo isso. Finalmente o Partido Comunista ofereceu uma bolsa pra ela estudar na União Soviética e pra lá ela foi. Voltando da União Soviética, chegou não pra Cuba. Chega na Argentina. Ela deve ter voltado em 1968, por aí, mais ou menos. Quando do atentado, tinha 17 anos. E começa a militar na Argentina em grupos, de paraguaios sempre, entre eles o FULN - Frente Unida de Libertação Nacional, onde participavam principalmente o Partido Comunista, mas também gente de outros agrupamentos políticos que tinham um objetivo comum.

Tempos depois, ela chega a Buenos Aires e de Buenos Aires passa por Montevideú, depois de Montevideú... então, estou revendo as anotações...sim, ela chega à Argentina da União Soviética e dali é enviada para Cuba, com um grupo de paraguaios em treinamento para a guerrilha. Lá conhece um brasileiro, eles se apaixonaram, ele era chamado José Maria Ferreira de Araújo. Casaram, nasceu Ñaisaindy, que foi a única filha deles. Tempos depois, a relação não foi muito boa e separaram, mas ainda os dois em Cuba, não é?

Em 1970 José Maria Ferreira de Araujo entra no Brasil junto com Edson Quaresma. Soledad ainda treinava com os paraguaios, quer dizer, sua ligação era com os paraguaios, mas depois de ter casado com José Maria Ferreira de Araujo, conhecido como Aribóia, então começa também a se relacionar com os políticos e militantes brasileiros que estavam em Cuba. Finalmente, aderindo, integrando, passando a fazer parte da VPR, já também com o marido na VPR, foi que José Maria entrou no Brasil junto com Edson Quaresma, chegaram em São Paulo e eles tinham que preparar a entrada de outros militantes, entre eles o conhecido pelo nome de José Anselmo dos Santos, mais tarde vamos falar sobre esse nome, que finalmente forma parte da equipe que entrega José Maria Ferreira de Araújo para a equipe do DOPS, para a equipe do Fleury.

Em segundo lugar, morrem os quatro principais dirigentes da VPR, entregues pelo cabo Anselmo, ou conhecido como José Anselmo dos Santos. Antes disso, eu saltei um pedacinho, antes disso chegam...deviam chegar primeiro o cabo Anselmo junto com

Evaldo Ferreira de Souza, mas chegou somente o cabo Anselmo em setembro de 1970. Não tenho certeza se Aluísio Palhano chegou uns dias antes, uns dias depois, mas esse primeiro grupo todo foi entregue pelo cabo Anselmo, assim como Fujimori, que estava com Edson Quaresma, no momento que foi preso e logo assassinado no DOPS.

Logo depois disso, minha irmã sai de Cuba, deixa a filha e se integra a VPR no Chile, através de Onofre Pinto para ingressar no Brasil. E é nesse momento que eu passo a estar ligado dessa forma a esse grupo, através da minha irmã. Ela pede pra mim, em Montevideu, para entrar no Brasil para alugar um apartamento pra ela em São Paulo onde ela esperava fazer contato com as pessoas dali. E esse contato nunca foi possível. Toda vez que íamos, eu ia com ela, eu ficava de longe, mas ela que chegava a ter o ponto, mas a pessoa não chegava. Nunca chegou. Então ela escreveu para Onofre Pinto pedindo um outro contato e explicando que não tinha contato. Uns dias depois chega uma carta do Uruguai que dá o contato, o ponto para contatar uma pessoa. Quando chega no ponto era o cabo Anselmo.

Voltando ao apartamento ela me contou: "Olha, é uma pessoa que eu conheço, que éramos muito amigos lá em Cuba", mas nunca disse que ele foi o chefe da rebelião dos marinheiros, nunca falou. Nunca ela falou pra mim. Jamais. Ela morreu sem contar pra mim. Eu não sabia quem era aquela pessoa, eu pensava que era Daniel, ou Américo Balduino Santos, e todos aqueles nomes que ele usava, mas eu tinha visto a carteira de identidade dele que ele me deu uma vez, que dizia Américo Balduino Santos.

Em definitivo eu vim pra São Paulo, aluguei o apartamento, chega o cabo Anselmo, e aquele cabo Anselmo chegou no apartamento junto com a Soledad num dia x depois disso e pede pra mim ir até o Chile, aí eu poderia aproveitar e visitar a minha irmã Nani, que morava em Santiago do Chile. Eu, originário de família pobre, vivendo numa situação que ninguém poderia pagar uma passagem pra mim, com vinte anos, era muito atraente ir até lá, não é? Só pra levar uma carta e depois voltar pra Montevideu e ficava fora de tudo isso. Bem, fui a Santiago do Chile, e Onofre Pinto me manda com 25 mil dólares para serem entregues a Soledad e ao cabo Anselmo. Também ele nunca me falou que aquela pessoa era o cabo Anselmo. Eu nunca soube até 1973, até abril de 1973, nunca soube que aquela pessoa era o cabo Anselmo.

Já voltando, cheguei até aqui, a Olinda; no Recife estavam me esperando, depois fomos pra casa, uma casinha que ficava em Olinda, no Rio Doce, que é impossível eu hoje indicar qual foi aquela casinha por que era num bairro que todas as casinhas são iguais, parece que eram casas de um tipo de plano, cooperativa, alguma coisa assim. Alguém falou COHAB. Sim. Então, eu não era da região, não conhecia nada disso e fiquei poucos dias ali por que eles me mandaram de novo pro exterior, pro Chile, não é? Então fui novamente pro Chile, voltei de lá com 5 mil dólares, entregando a

informação, e trouxe algum material pra eles do qual eu desconhecia totalmente o conteúdo. Eu quero que tenham presente que primeiro, eu nunca pertenci a organização chamada VPR, portanto toda informação me era restringida e segundo pela minha própria segurança e dos outros, eu nunca quis saber de nada. Não queria conhecer nada que eu pudesse dizer depois em sessões de tortura. Isso por princípio inculcado por toda a minha família, sempre, com toda aquela experiência de dúzias de anos lutando contra a ditadura.

Nessa terceira vez que eu estou indo pro Chile, eu estava levando uns negativos de documentos que mais tarde eu consegui suspeitar que era a defesa contra as acusações contra o cabo Anselmo. Já quando eu tinha voltado da segunda vez, aparentemente eu já trazia naquelas comunicações a suspeita de que ele era infiltrado, que era um agente da polícia. Essa terceira vez então eu fui novamente pro Chile com essas documentações fotografadas e a recomendação era que se eu fosse parado, ou alguma coisa, que eu tivesse aqueles filmes bem pertinho para poder abri-los e eles ficarem velados e ninguém podia então saber o conteúdo.

Eu fiz escala em Montevideu e daí tinha que esperar dois, três dias até pegar o avião pra chegar em Santiago do Chile. Na casa da minha família chegavam forças de todas as cores, fardas de todas as cores, gente de todos os departamentos da repressão do Uruguai por que era o ano prévio da instauração oficial da ditadura no Uruguai, mas antes disso já estávamos vivendo umas prévias e um estado prévio ao estado de sítio chamado Prontas Medidas de Segurança. Nesse regime, já estava livre de ser... não precisava ordem de juiz nenhuma pra entrar em casa nenhuma... No Uruguai sempre foi proibido entrar em casas em missões oficiais, entrar em casas durante a noite, e isso aí ainda funcionava; só quando já foi golpe de estado total é que deixou... mas o resto deixou de ter validade. Então eu não podia me deixar ficar na casa dos meus pais durante esses dias e ter esses filmes comigo. Poderia esconder aí, mas estava arriscando a família também. Então eu falei com um amigo meu e fomos até uma chácara da família dele, dos pais dele, e lá naquela chácara, num galpão onde estava um pequeno trator eu escondi aqueles... eu acho que eram três rolos de filme. Três rolinhos de fotos, atrás de um tronco, uma coisa assim impossível de se achar, e a uma altura considerável também. Então no outro dia, ou dois dias depois, quando já era pra viajar fomos de novo até lá. Fui pegar os filmes e onde larguei aqueles negativos, eles não estavam. Hoje... hoje, eu tenho fortes suspeitas de que simplesmente eu, desde lá já estava sendo seguido, controlado, tudo isso; que provavelmente era o pessoal da própria polícia uruguaia que estava me seguindo, viram que eu escondi alguma coisa, que eu entrei e depois a gente saiu daí pra Montevideu e alguma coisa eu deixei ali, não é? E foram, procuraram mesmo e acharam e ficaram com isso.

Bem, eu chego no Chile, sem aqueles documentos, mas então eu expliquei a Onofre Pinto, que era meu único contato, através da minha irmã Nani, pois eles se conheciam. E ele então, ficou... no começo ficou bravo; não por que eu perdi os negativos, por que ele me disse "O Anselmo tinha que se apresentar aqui pra responder à juízo. Tinha que ser julgado aqui, ele tinha que ter chegado aqui pra fazer a defesa dele. Tinha que demonstrar que não era verdade aquela acusação". Aí eu soube pela primeira vez de que ele estava sendo acusado.

Manoel Moraes - Isso foi quando? Em 72?

Jorge Barrett - Foi em 72. Além do mais, na volta, eles estavam pedindo mais 5 mil dólares. E o Onofre Pinto simplesmente falou: "Não vou mandar. Que venha ele procurar". Bem, aí passei vários dias esperando e esperando e esperando um novo contato com ele, que ele ia me avisar, até que finalmente apareceu com duas cartas. Essas duas cartas, uma era um envelope como os que tinham antigamente com umas bandeirinhas assim nas bordas, do lado de fora, que se usava para cartas enviadas por via aérea, por avião. E as outras que não tinham isso era para serem enviadas por correio comum, em barco ou para comunicação interna dentro do país. Então ele trouxe dois envelopes, um que tinha essa borda assim de duas cores, azul e vermelho, que era universal na época, e um simples. Aquele envelope simples era para ser entregue à minha irmã e o cabo Anselmo. E o outro eu tinha que guardar até que aparecesse alguém dos outros membros que eu cheguei a conhecer que são aqueles cinco, os outros cinco. Quer dizer: Evaldo, Eudaldo, Pauline, Jarbas, ou o Gordo, como eu o conhecia, que é José Manoel.

Bem, as vezes chegava alguém lá no apartamento, ou Evaldo ou Eudaldo, um dos dois aparecia de vez em quando. Então eu disse lá, no Chile, pra Onofre Pinto: "Olha, eles não vão seguido lá e eu não sei aonde é que eles moram, não tenho como achar eles. Eu tenho que esperar que eles apareçam. E se passar muito tempo, o que é que eu faço?" E aí ele ficou pensando e eu disse : " Se passa um tempo prudencial, eu posso entregar pra minha irmã dizendo que ela tem que entregar a algum dos outros sem que o cabo Anselmo saiba e que isso tem que ser assim, é uma questão disciplinar." Minha irmã sempre foi respeitadora das medidas de segurança e eu acreditava que ela ia fazer mesmo isso. Cheguei lá entreguei o envelope, aquele que era pra eles dois, e... cheguei no dia 29 de dezembro ou 28, não estou lembrando bem, e passou um dia, passou dois, passou três, chegamos à sexta feira e nessa sexta feira já tinha passado um tempão, uma semana, então aí eu decidi que já era muito, eu já estava com uma forte suspeita que o cabo Anselmo era policial, então decidi falar com minha irmã. Falei com ela, eu disse que o Onofre Pinto mesmo falou para dizer a ela que de jeito

nenhum o Anselmo podia ler isso, essa carta. OK, então entreguei pra ela. Entreguei a ela e ela me jurou que não ia entregar de jeito nenhum pro cabo Anselmo.

Durante a noite eu senti vontade de ir pro banheiro. Eu saí do meu quarto, não liguei luz nenhuma para ir pela direita até chegar ao banheiro. Aí tinha que passar em frente ao quarto deles. A porta estava entreaberta, normal, por que o quarto era muito quente, não tinha janelas assim, nem ventilador, para se refrescar um pouco e ficar um pouco aberto era normal. Então vou passando assim e vejo que está o Anselmo sentado, vestido, e estava a Soledad vestida também. Só que os dois estavam com a carta das marquinhos do envelope de mandar por avião, na mão. Aí os olhos da minha irmã!...assim, foi um segundo, não é... ela foi pega numa mentira. Ela não somente entregou como estava lendo junto. Quer dizer, ela não acreditava mesmo que o cabo Anselmo fosse policial. Aí, no outro dia, a Soledad falando comigo, dizendo que, realmente, os policiais infiltrados na VPR lá no Chile, eram Maria do Carmo Brito, conhecida como Lia, e Ângelo Pezzuti, que eu não conheço o nome dele dentro da organização e que eles estavam acusando ao cabo Anselmo de ser infiltrado da polícia, quando eles próprios eram os policiais. Eles estavam infiltrados dentro da VPR. Essas foram as palavras dela e depois surgiu um monte de coisas. Chegou o cabo Anselmo, novamente saiu o assunto e ele disse a mesma coisa, que ele estava sendo muito perseguido por esses dois e esses dois são infiltrados, que o que eu estava levando lá pro Chile eram provas dessas coisas; o relatório, ele demonstrava que esse pessoal dali estava trabalhando pra polícia.

Bem, passa um dia, chega o domingo, domingo 7; a noite fomos dormir e durante a noite fomos acordados eu e Maria Dilênia, minha esposa, fomos acordados para avisarem a gente que tinham chegado duas pessoas no apartamento e que iam ficar ali. Então me levam pra sala e lá na sala estavam Eudaldo Gomes da Silva e Pauline Reischtul, eu conhecia os dois, e eles informaram que chegarem até ali por que estavam vendo muito movimento de pessoas estranhas no Sítio de São Bento. Não sei se é o momento adequado pra dizer que o Sítio de São Bento é uma propriedade comprada pela VPR, com fins de esconder gente que já estava sendo procurada pela repressão mas que ainda podia ajudar a formar gente para a organização. Quer dizer, formar gente quer dizer como viver na clandestinidade, de talvez...mas nunca vi arma lá para treinar ninguém...talvez ensinar como atirar, como usar armas, talvez instrução militar, não sei. Nunca soube disso, nunca me foi informado nada. Isso logicamente por que eu não era...não atuava dentro da organização. Além do mais toda vez que eu fazia uma viagem para o Chile, sempre era: "Você faz esse viagem, você vai pra Montevideú". Eu sempre estava terminando minha função.

Dessa ultima vez que eu vim do Chile, eu cheguei lá já com um forte suspeita mas eu passei novamente por Montevidéu...

(Alguém interrompe o depoente fazendo uma pergunta fora do microfone)

Jorge Barrett -...Ah, sim! O Sítio de São Bento. Vamos voltar pro Sítio de São Bento. Nós todos chamávamos Sítio de São Bento não por que fosse o nome do Sítio, foi um sítio que compraram numa região onde estava a Igrejinha de São Bento, e era conhecida toda a região como São Bento. Então quando falávamos no sítio falávamos Sítio de São Bento. Não sei se era por que existia outro sítio, não tenho ideia, mas nós todos falávamos "O Sítio de São Bento". Eu fui duas vezes pra lá. Uma fui de olho fechado até o sítio propriamente, até a porta, e a segunda vez até a Igrejinha de São Bento que fica entre 300, 500, 600 metros a partir da igrejinha pelo mesmo caminho. Então, um dia, eu lembro até hoje, lembrava quando o Luis Felipe me falou sobre uma granja distinta, que não era em São Bento e que todo esse massacre que eu pensava que era no Sítio de São Bento não foi no Sítio de São Bento, foi em um outro lugar, um outro lugar que estava no meio do mato. Imagina que eu cheguei ao sítio de São Bento, as duas vezes que eu fui eu cheguei de carro, e a estrada era um caminho pra carro de terra. Era bem aterrado mas tinha muito pó. Quer dizer, Luiz Felipe estava me falando, inclusive me mandou fotos da Granja de São Bento. O lugar aonde a gente foi ontem e que eu não conhecia de jeito nenhum. Esse não é, de jeito nenhum o sítio da VPR. Esse foi um sítio de encenação, feita pelo grupo de Fleury, pelo Exército, pelo DOPS, pela equipe que armou tudo isso. Mais adiante, se vocês quiserem perguntar alguma coisa sobre isso podemos aprofundar, ou como é?

(Pergunta sem microfone, inaudível)

Jorge Barrett - Sim, sim. Esse sítio é em Abreu e Lima. Ah! cortei uma parte, desculpem, mas minha cabeça tem muita coisa dentro e achar uma ordem é difícil. Eu queria contar que minha irmã tinha me dito que se alguma coisa acontecesse ali, então a gente se encontrava no Sítio de São Bento. Eu disse: "Mas eu nunca fui até ali, de olho aberto. Eu fui fechado". Ela disse, "Não, você foi até a Igrejinha. Você procura, pergunta, busca formas de chegar até a Igrejinha e depois você segue em frente e vai chegar no sítio." Então, isso eu me lembro perfeitamente. Foi assim que ontem a gente achou o verdadeiro Sítio de São Bento. Ali foi comprovado, de alguma maneira continua aquela denominação já como o nome do sítio. Hoje, quem está morando lá, cuidando do sítio, diz que o nome é Sítio de São Bento. Cheguei lá e pude comprovar perfeitamente a paisagem de lá, pude comprovar onde estava a chácara, e mais importante, pude comprovar, verificar, uma teoria que eu tinha de que algumas fotos, que depois vamos ver, algumas fotos, duas delas, da casinha só poderiam ter sido tomadas da torre da Igrejinha de São Bento, pelo ângulo da casinha e por que

estudando a região com o programa Google Earth, neste programa, quando se viaja marcando com o cursor, embaixo tem um quadrinho, uma linhazinha que marca a altura do terreno. Então eu fiquei...passei vários dias, quase uma semana procurando a Granja de São Bento, não estou falando do Sítio de São Bento, pra mim são duas coisas diferentes.

A Granja de São Bento com base nas fotos que me mandou o Luiz Felipe, aquilo não era, não era possível que fosse o Sítio de São Bento, por uma questão muito simples, básica, a Granja de São Bento está rodeada, totalmente, por alturas, quer dizer, montanhas, não sei como se fala aqui, em português, mas está no fundão, ainda que tenha pequenas subidas, descidas, tudo isso, mas rodeada de morros e uma pequena vista assim, mas não é muito. Uma coisa totalmente diferente. No Sítio de São Bento, perto da Igreja de São Bento, eu fiquei maravilhado com uma vista que eu tive lá. Um dia chegamos lá, Soledad, cabo Anselmo, e eu; fomos passear e terminamos indo até lá. Quando cheguei lá eles entraram em reunião e pouco depois Eudaldo saiu da casinha, atravessou uma florestinha que tinha ali de árvores bem altas e foi pra lá. Pouco depois minha irmã sai: "Você viu o Eudaldo?" "Sim, ele foi pra lá." "Você faz o favor de chamar ele. Estamos precisando dele" "OK". Então eu fui, entrei naquela florestinha, fui caminhando, caminhando, caminhando e de repente se abre aquilo lá aí eu vi que estava numa montanha, aquele baixão assim, aquele braço de rio, que hoje sei que quando a maré sobe até ali chega a subir, tem um rio assim que aumenta, sobe e desce de acordo com a maré, tinha uma pequena elevação dentro e pra lá se via o mar. Mas daqui eu não tinha essa visão por que tinham as arvores, daqui tinha esse pouco, claramente, e dali nem tanto. Era limitado, mas dava pra ver a água lá. Isso não existe na Granja de São Bento, o sítio da encenação do Massacre de São Bento. Eu estive nos dois lugares. A Granja de São Bento não corresponde geograficamente ao Sítio de São Bento, aquele que eu pensava, segundo as notícias de jornais que foi o massacre. Aparentemente todas essas fotos foram misturadas em cada dossiê de cada um dos militantes que morreu. Mas aparecem essas duas fotos que não são da Granja de São Bento, são do Sítio. E essas duas fotos, eu cheguei à conclusão graças também ao Google Earth, de que também só tinham dois pontos mais altos nessa região e somente nesse ponto mais alto dessa região poderia ser tomada essa foto que está ali, que é do Sítio mas que mistura com a Granja de São Bento. E só poderia ser da Igrejinha de São Bento e só poderia ser da torre, que nesse tempo ainda tinha escada interna. Só uma ruína, hoje a escada não tem mais, eu tinha a intenção de escalar até lá mas não deu, é impossível escalar ali; se precisa de uma escada muito alta, 8 metros mais ou menos. E essa foto só poderia ter sido tirada dali. E foi uma felicidade muito grande por que quando ficamos no sítio, eu esqueci disso, e alguém me disse, acho que foi Teresa, "Olha a Igrejinha, ali está, ai se vê". Exatamente no mesmo ângulo que

estava a casinha, a foto foi tirada de lá. Indubitavelmente foi tirada dali. Lilia, foi Lilia. Parabéns.

Bem, voltando atrás, nesse domingo, 07 de janeiro eu soube a história das acusações e todas essas coisas, e minha irmã também me contou de uma reunião que houve algum tempinho atrás, em que... essa reunião se deu para falar da suposta infiltração do cabo Anselmo e essa reunião foi aqui, quer dizer, em Olinda, no Sítio, não sei aonde, mas aqui em Pernambuco. E nessa reunião, o mais fervoroso acusador do cabo Anselmo foi Evaldo Ferreira de Souza, que eu conhecia como Joca, pelo menos Soledad e cabo Anselmo chamavam ele de Joca e eu também com a minha mulher. Não sabíamos o nome verdadeiro, logicamente. Agora eu quero falar de uma coisa muito interessante para efeito de pesquisa e investigação futura que possa haver. Nessa reunião então, o cabo Anselmo perante as acusações tão fortes de Evaldo, tirou a arma, colocou em cima da mesa e disse "Se alguém pensa que eu sou policial então me mate aqui mesmo. Pegue minha arma e pode me matar". Isso também quer dizer que os outros não tinham arma, não é? Mas ele fez esse teatro e resultou. Todo mundo ficou assim como... finalmente ninguém tinha provado nada ainda. Era suspeita. Suspeita que vinha do Chile. E que provavelmente eu mesmo que trouxe não é? Estou falando de dois, três meses atrás. A partir dessa reunião o Evaldo desapareceu da organização. Nunca mais assistiu a reunião nenhuma e nunca mais foi ao nosso apartamento. Desapareceu. Eu suspeito, com... primeira vez que vou falar essa palavra de mim...como pesquisador...

Nadja Brayner - Por favor, só para ficar claro. Nessa reunião estavam todos? Você estava nessa reunião?

Jorge Barrett - Não. Me foi contado por Soledad.

Nadja Brayner - Pra ficar bem claro, dois ou três meses antes dessa ultima carta que você trouxe na sua terceira viagem, que foi aberta lá naquela casa, lá em Olinda, lá em Rio Doce, houve essa reunião onde todas as pessoas discutiram já essa situação do Anselmo, não foi isso?

Jorge Barrett - Sim. A ultima ida minha para o Chile foi depois dessa reunião.

Nadja Brayner - Certo. Então depois dessa discussão que já colocava ele como suspeito foi que você foi ao Chile...

Jorge Barrett - ...levar a defesa em fotos, sei lá escritas a mão, sei lá, fotografadas, fui levar lá como defesa dele.

Nadja Brayner - Ok. Pronto, só pra ficar bem claro. Obrigada.

Jorge Barrett - Soube agora, também com a ajuda de Felipe, soube que José Manoel dos Santos, depois dessa reunião foi enviado para o Chile. E ele foi junto com a mulher que nem sabia de nada e nunca soube de nada e foi justamente para insistir na defesa de cabo Anselmo. Depois que ele voltou foi que eu fiz a minha ultima viagem pro Chile e foi, já voltando de lá, que eu passei por Montevideu e a minha família toda disse...minha família toda não, meu irmão Fernando, meu irmão Rafael, eles dois falaram comigo dizendo pra eu não chegar até aqui por que estava tudo infiltrado, que era muito perigoso, e que muito menos nessa situação de que eu já tinha essa suspeita, que tinham me falado essa coisa, que já era uma outra via. Eles já tinham... não sei como, mas já tinham se informado por outras vias, provavelmente através do Partido Comunista. Mas como é que eu podia deixar minha irmã aqui? Não dá! **(Emocionado)**. Então eu vim, já quase com a certeza, forte suspeita mesmo...

OK, vamos voltar pra aquele domingo. À noite, chegam Eudaldo e Pauline e eles contam que vieram, saíram correndo de lá, saíram de noite, aproveitaram a noite, chegaram, Tereza tem uma suspeita de uma rota que eles fizeram, atravessando mesmo aquele mangue e aquela descida pra chegar até o apartamento de Rio Doce.

Nadja Brayner - Indo por Maria Farinha, não é?

Jorge Barrett - Isso, vindo por Maria Farinha. OK. Bem, o que é que aconteceu? Segundo histórias paralelas por ali, de um suposto infiltrado, supostamente chamado César, que dizem ser o delegado Carlos Alberto Augusto, esse apartamento estava totalmente... erhhhhh...como é que chama...quando tem cabos por todos os lados, cheio de aparelhos de escuta, não é? Grampeado. O telefone, as paredes, o banheiro, sei lá...tinham muitos aparelhinhos desses de escuta. Eu nunca vi um na minha vida, então não sei como é. Então eu acredito, que através disso o cabo Anselmo, desse mesmo apartamento, já avisou que Eudaldo e Pauline estavam ali. Mas não acredito de jeito nenhum que não estava planejado para no dia 8 pegarem todo mundo.Tenho certeza que isso estava planejado, por que a ação envolveu tanta gente que só poderia ter chegado ao final com muito tempo de preparação. Então, esse tempo de preparação, eu acho que também inclui a preparação do falso Sítio de São Bento, ou seja, a Granja São Bento, o sítio da encenação do massacre, acredito que foi preparado para fotografias, sei lá. Fizeram uma encenação lá. Lembram ainda, no local, o som de helicópteros e outras coisas; conseguiram essas informações as pessoas da Comissão que foram comigo até lá, eu não escutei por que era uma pessoa muito velhinha e era muito difícil pra mim entender o que ela falava. Então não posso ajudar muito por que ainda a gente não conversou sobre o que foi que disse aquela senhora. Era uma moradora de 81 anos, bem vizinha, mora à, vamos dizer, uns quinze metros da casa

mesmo. De casa pra casa não tem mais de 15 metros. D. Nenem. Acho que temos fotografias dela. Então, vamos voltar pra trás.

Nessa madrugada que me acordou minha irmã e me apresenta, nesse mesmo amanhecer, disse "Sete horas da manhã, todo mundo em pé, por que vamos sair pro Centro". De ônibus, foi minha mulher trabalhar. Trabalhava na Câmara de Comércio Varejista de Pernambuco. Mas depois fomos Soledad, cabo Anselmo, Pauline, Eudaldo e eu, no fusquinha de cor verde, alguém me perguntou a cor, cor verde, saímos para o Centro. Já uns dois minutos antes de chegar, parou o carro e desceram Pauline e Soledad com destino à boutique de Boa Viagem, de propriedade da Sra. Sonja Cavalcanti, e nós seguimos até um lugar aonde o cabo Anselmo parou o carro; o cabo Anselmo estacionou o carro em lugar proibido, e imediatamente o policial que estava ali chegou e disse pra seguir. E o cabo Anselmo, ironicamente, disse para o policial que... uma coisa assim, podem não ser as mesmas palavras mas foi assim: "Oh, meu amigo, estamos em missão oficial" e o homem perguntou: "Como assim?". Ele pegou um envelope, abriu o envelope e despregou uma folha, um documento assim pra ele e entregou. O policial leu, devolveu, e pronto, o carro ficou ali. Ele tinha algum tipo de documentação, um tipo de folha, assinado por... quem sabe por quem! que usava dessa maneira e além do mais com uma confiança tão grande! Ele não tinha necessidade nenhuma de parar nessa situação, de parar em local proibido, que veio um policial com perguntas e apresentar um documento que poderia ser falsificado, mas era tudo real era verdadeiro, pronto. Então, aí, eu já fiquei nervoso. Bem, ele disse pra Eudaldo: "Você entra nesse hotel, que vai conseguir trocar o dinheiro." Esse hotel não sei se era hotel por que não tinha placa, mas o Eudaldo foi caminhando pra lá e o cabo Anselmo me disse: "E você vem comigo, que vou te apresentar um amigo que enquanto eu e a Soledad estivermos no Chile ele pode te ajudar em qualquer coisa que acontecer." Aí eu falando com ele: "O que é que vai acontecer?" "Não vai acontecer nada", e não sei o quê ... Mas finalmente dobramos à direita umas duas quadras, depois à esquerda uma quadra, depois um pouquinho pra esquerda e entramos numa rua que tinha, como é que se chama? camelôs? cheia de camelôs, então, entre as paredes das casa e a rua estava tudo coberto com toldos, não dava pra ver pra cima, mas entramos ali, tudo era meio estreito assim, entramos num barzinho. A única mesa...ele foi direto pra uma mesinha que tinha duas cadeiras, uma de costas e uma de frente. Tinha um monte de cadeiras mas ele escolheu essa, aí eu tentei sentar olhando pra fora, por uma questão de princípio - nunca fique de costas pra porta. Não tem que ficar. E ele me disse "Não me deixa aí, por que vai passar meu amigo." OK, primeiro erro, fiquei de costas pra porta: primeira vez que fiquei preso. Ele de repente levantou e disse : " Aí, passou meu amigo, deixa eu chamar ele". Levantou, saiu, entrou o Fleury. De repente alguém me disse "Se se mexer é morto" eu virei,

olhei o revólver e estava o Fleury apontando pra mim. Rasgou minha calça, tentou rasgar a cueca mas não conseguiu, e tirou meu cinto, amarrou minhas mãos com o próprio cinto atrás, e deixou um policial comigo. Me levou pro banheiro, me fez deitar com a boca pra baixo, não tinha vaso sanitário nesse banheiro, era daqueles que são lisos, ele pôs um pé por cima e deixou a porta levemente aberta, assim olhava pra fora. Não sei quanto tempo eu estive ali, mas posso fazer uma estimativa de uns vinte minutos a trinta, trinta e cinco minutos. Depois volta o Fleury e me leva como indo para o prédio da Justiça Militar, como é?

Nadja Brayner - Auditoria.

Jorge Barrett - Auditoria. E, na esquina, estava o veículo militar com um toldinho curto atrás, ou recolhido, não sei, e me mandaram pra dentro né, pegaram (...palavra ininteligível) e me lançaram pra dentro. Lá fui encapuzado e preso. Daí me levaram até o trabalho da minha mulher, quando chegamos lá já estavam descendo com ela. Também a colocaram conosco e me levaram pra um lugar que eu não conhecia e que tinha um sino, como alguém me disse, que reconheceram aonde ficava o DOI CODI como sinal de um sino que tocava à mesma hora...

Nadja Brayner - Era um relógio.

Jorge Barrett - Sim. Tinha mesmo um sino lá. Cheguei lá fiquei numa cela, minha mulher ficou na cela seguinte, a gente não podia se ver, eu não via ninguém, somente o carcereiro. Eu não sabia absolutamente nada que aconteceu com o resto do pessoal. Logicamente que Eudaldo eu sabia que foi preso; no momento que eu fui preso, que entrei, apareceu um sorriso irônico assim no meu rosto, como dizendo: "Finalmente, sim. A prova final. Era real, o cara era policial".

Então cheguei lá, me lançaram pra baixo e não apanhei mais nesse momento por que tive a habilidade pra cair em pé e não de lado, de cabeça, como fosse, não é? Mas em pé. Aí foi um aluvião, como se fala em espanhol "aluvión", um monte de coisa ao mesmo tempo, nesse caso eram chutes, socos, eles batiam, não com armas ou com paus, mas sim com socos e chutes, né? Bem, me levaram dessa maneira, até que me deixaram lá na cela. Aí fiquei, sem roupa, lógico, e acho que com... de cueca. Acho que de cueca, depois tiraram a cueca. Então, aí me deixaram tranquilo acho que o dia inteiro. No outro dia, outra vez me p...não, desculpa, desculpa, desculpa, me levaram a outra cela e daí, minutos depois me pegaram me levaram em outra recepção e... eu quero deixar claro que não me deram choque, não me fizeram tortura, aquela tortura de imersão...

Nadja Brayner - De afogamento.

Jorge Barrett - Nem pau de arara, sempre foi só todo mundo batendo em mim. Finalmente foi uma cena na qual me apresentavam Anselmo, como sendo um do grupo que fugiu e que eu sabia onde estava e que eu tinha que levar eles imediatamente, que não sei quê, que eles sabiam que eu tinha que me encontrar com ele num sítio se acontecesse alguma coisa, sempre era isso, e vinha e voltava, chegavam até a cela com fotos dele, do cabo Anselmo, mostravam e diziam: "Rapaz, esse aí, você conhece alguém que ele tenha conhecido? Você foi com ele na casa de alguém? Coisa assim, como fazendo um acompanhamento dele como se ele fosse erhhh...Carlos Lamarca. Ele era policial. Nisso eu tive uma...

Nadja Brayner - Jorge, nessa época, você tinha quantos anos, exatamente?

Jorge Barrett - Eu tinha 21 anos.

Roberto Franca - Jorge, desculpe, quando você foi preso, você falou alguma coisa assim, que foram ao local de trabalho de Soledad e a prenderam também?

Jorge Barrett - Não, da minha mulher. Foi a única que eu soube, por que, pelo menos nessas celas aí não tinha nenhum deles, só eu e a minha mulher. Então, eu falei...

Nadja Brayner - E você não escutou nada a respeito do que tinha acontecido com as outras pessoas?

Jorge Barrett - Como eu já disse antes, eu não soube de nada. Eu soube já no dia 23 quando eu fui transferido pro DOPS.

Nadja Brayner - ...o local do trabalho, precisa esclarecer.

Jorge Barrett - Então, vendo que o trabalho deles era um teatro para me demonstrar que ele não era policial, por que eu nunca tomei parte daquele grupo que acusava o cabo Anselmo, eu não sabia de nada, eles falaram comigo, logicamente, e eu pensei: "Olha só, são policiais eles". Mas o que é que eu ia fazer? Eu falei com a minha irmã da minha suspeita, tudo isso, mas ela não falou pro cabo Anselmo. Se tivesse falado eu não estaria aqui, né? Então, vendo isso, eu segui o jogo. Eu segui o jogo. Eu me converti num fervoroso defensor do cabo Anselmo. Daquele militante cabo Anselmo. Daquele companheiro que não tinha que cair preso, que eu não sabia onde estava, que eu não conhecia ninguém, não conhecia nenhuma casa, não sei, não sei, não sei...defendendo ele, tá? Por outro lado, um dos policiais, aquele que eu falei que fazia o papel de bom, tinha o policial bom e tem o outro ruim, né, mas aquele ali é o que você fala com ele e ele tenta tirar informações, dar alguma coisa, assim, ou implantar contra informação. Aí ele conversava comigo e me disse que eu ia ser solto, que eu só ia ficar alguns dias a mais. Uma semana depois soltaram a minha mulher. Ela foi no

trabalho, no trabalho não receberam ela, foi demitida e a mim, não me soltaram. Continuei ali até o dia 22, mas cada vez menos faziam esforços comigo de...perdiam tempo comigo, vamos dizer assim, de vir e fazer teatrinho. Também esse policial bom, não quero deixar passar isso por que serve pra outras coisas, esse policial que fazia papel de bom, ele me dava cigarros, coisinhas, ele tinha que conversar comigo, até como se fosse a fim de algumas coisas, e ele me contou que eles recebiam 45 mil dólares por cada pessoa que esteve em Cuba. Por cada militante que esteve em Cuba, eles recebiam 45 mil dólares. Quando ele falou "nós recebemos" não sei se esse "nós" eram os companheiros dele de nível e de grau, não sei se isso era a quantidade que recebia o Fleury, não sei, isso eu não sei, não falou isso, mas, na época eram 265 mil cruzeiros; na época, 1974, na Argentina e no Uruguai, um FIAT 500, um carro 0KM custava 500 dólares. Imagine a quantidade de dinheiro que era isso naquela época! Bem, quase todos os que estão aqui, menos Felipe e a doutora, podem ter ideia por causa da idade. Lembrando...

Nadja Brayner - Manoel também.

Jorge Barrett - Tem mais pessoas também? (Risos) Bem, por favor, me lembrem aonde eu estava antes do assunto do dinheiro...

Nadja Brayner - Na verdade, esses 45 mil era como se fosse uma recompensa por cada pessoa presa que tivesse ido à Cuba, não é?

Jorge Barrett - Indubitavelmente. Indubitavelmente. O massacre de São Bento foi um intento quase falido da equipe de Fleury, com cabo Anselmo, para juntar muito mais gente com experiência, que estiveram em Cuba, tudo isso, mas somente chegaram aqueles. Somente esses 6, incluindo cabo Anselmo, né, cinco. Por que lá fora estava já...isso quer dizer, os que não vieram, por que lá fora estava já a dúvida de que ele era policial.

Então eu digo, foi um massacre, foi uma coisa horrorosa, mas ia ser muito pior. Ia ser muito pior. Isso era uma caçada econômica, uma ação econômica onde tinham que juntar muitas pessoas de alto valor de recompensa. Então, antes de falar do dinheiro, o que eu estava falando? Ah, sim, falava as coisas boas...

Carolina Furtado - Eu vou aproveitar só pra fazer uma pergunta: esses policiais com quem o senhor falava mais, eles pareciam ser policiais de São Paulo, ou daqui mesmo de Pernambuco, pelo sotaque...

Jorge Barrett - OK. É muito importante essa pergunta por que, comprovadamente, entre os torturadores, estava presente uma personagem conhecida como Laecato, da Casa da Morte, de Petrópolis, Rio de Janeiro. Hoje, acho que coronel, alguma coisa

assim da Marinha, não? Ele já era da Marinha. Um homem negro, grandão, que curiosamente também participou da morte de Onofre Pinto naquela incursão que fizeram, aquele grupo pequeno, pelo Parque Nacional de Iguaçu, entrando com um integrante quase menor de idade, eu acho, que era argentino e que quem armou e entregou isso foi um outro cabo Anselmo chamado Sargento Alberi. Isso é produto de pesquisa já, não é por que eu tenha informação de dentro da...do tempo que eu ajudei a minha irmã, por que realmente foi isso. Esse tal de Laecato, com uma equipe de 5/6 homens, no ultimo dia que esteve lá no DOI CODI, começou na ultima cela e veio espancando, junto com sua equipe de torturadores, veio espancando um por um, entrava numa cela, espancava uma pessoa, fechava, entrava na seguinte, e assim ia. A minha cela era a ultima, ele já chegou cansado lá, já satisfeito de bater em tantas pessoas, mas ainda assim bateu em todos e eu fiquei "arrinconado" (**encurralado?**) assim, sem roupa, já não tinha nem a cueca, e então eu me fechei assim com os braços, protegendo com as pernas, por que ele queria bater no estômago mesmo, ele queria que eu caísse pra depois, no chão... então eu fiquei na esquina assim, num canto bem angulado vamos dizer assim, 45 graus relativos ao 90 graus de cada parede,e ele em frente. Em determinado momento ele me disse assim: "Já está bem, já está bem, já passou, tudo bem, a gente vai embora, você fica tranquilo, pode relaxar". Então eu abaixei, abri um bocadinho os braços para fechar imediatamente, agora, eu fechei os braços tirando o corpo e o soco dele passou nesse espaço aonde eu estava antes e bateu na parede e as falanges dele ficaram assim sem pele e no momento se via a carne branca por baixo, assim, depois começou aquele jato de sangue saindo da mão dele e ele ficou com um ataque de riso, começou a rir, dar gargalhadas "ha,ha,ha, gostei! gostei desse, é o paraguaio, não sei quê", saiu e foi embora. Um verdadeiro animal.

Bem, erhhhh... de Jarbas Pereira não tenho nenhuma informação do Recife, da época. Uma das vezes que fui pro Chile, Jarbas Pereira foi conosco até São Paulo e eu continuei a viagem até Montevideu, Uruguai e daí pro Chile. Foi a única vez que eu vi o Jarbas Pereira e a personalidade dele corresponde com aquela que fala a Dra. Mércia no depoimento dela. É uma pessoa muito nervosa e sempre esperando que se passasse alguma coisa, inclusive tivemos uma espécie de acidente com o fusquinha, demos umas voltas assim na lama, de lado da estrada, saímos da estrada, e eu que peguei ele , por que ele desesperou-se na hora que o carro estava fazendo assim, eu que peguei ele e apertei assim, enganchei os pés embaixo da poltrona da frente e peguei assim em cima, e abracei ele assim,e até poucos anos atrás eu ainda tinha as marcas das unhas dele nas minhas costas, por que ele se agarrou em mim. Mas acho que demos umas dez voltas, o carro não prestou mais pra nada, e daí pra frente continuamos em ônibus.

Então, no dia 23 eu chego no DOPS e uns dias depois eu soube que no dia anterior, 22, foi assassinada a Anatólia, a esposa de Luis Alves Neto, Maia, e quando cheguei lá, ali conheci Alex, Edmilson Vitorino de Lima, Maia, Luis Alves Neto e Adeildo Ramos. Foram os três únicos presos políticos que estiveram ali comigo. Teve outras pessoas que eu via assim que entravam e dois dias depois saiam, mas quando nos juntaram num pavilhão que tinha no andar térreo lá, no pátio, não sei como se chama isso, no quintal, vamos dizer assim, tinha um pavilhão, aí ficamos somente esses quatro e mais algum delinquente comum que de vez em quando ficava ali, um dia, dois e ia embora. Mas ali, políticos, eu acho que não chegou mais nenhum. Fazem mais de quarenta anos, eu posso estar errado, viu? Mas não tenho lembrança de mais ninguém, ali. Foram passando os dias, a Dra. Mércia era advogada de Luis Alves e de Adeildo Ramos, aí eu tomei contato com ela, não sei se foi ela que me procurou, ou como foi, o Adeildo falou com ela, mas ela passou a ser minha advogada. Ela viu o perigo de que eu fosse extraditado pro Paraguai, eu não era casado legalmente ainda, eu tinha tentado casar mas precisava papéis, etc, coisas que eu não tinha ali, e aconteceu que a Dra. Mércia viu que eu poderia ser extraditado mesmo, nessa condição, e ela conseguiu fazer uma procuração e trazer o livro de registro pra eu assinar, estando preso. Não sei o que foi que eu assinei, mas alguém casou em meu nome com minha esposa, aí ficamos casados e o perigo de eu ser levado para o Paraguai pelo menos legalmente já não era possível. Três meses depois de estar ali, no final de março, nos primeiros dias, me disseram que eu ia ser transferido, levado, não sei como seria a palavra, para Manaus. Eu ia ficar preso lá. Bem, me levaram para um avião, encapuzado até um avião, algemado; no avião, já sem capuz...

Nadja Brayner - Jorge, dá licença, eu só queria confirmar aqui o seguinte: eu tenho aqui o registro da sua prisão. O documento do DOPS, da Secretaria de Segurança Social. E aqui diz exatamente o seguinte: que você...o registro da sua prisão, como você falou, confere. É em 23 de janeiro de 1973 que você foi entregue vindo do DOICODI, foi entregue no DOPS.

Jorge Barrett - Sim.

Nadja Brayner - Aí diz o seguinte: que no dia 2 de abril de 73 você foi entregue... diz aqui: data de soltura...alvará de 02 de abril de 73 e aí do lado tem: foi entregue ao pessoal do DOI.

Jorge Barrett - Do DOI?

Nadja Brayner - Do DOI CODI.

Jorge Barrett - Meu Deus, agora eu fiquei com uma notícia muito grande!

Nadja Brayner - E aí...sim, por que aí coincide com o que você está dizendo., que você foi transferido. Foi o DOI que levou você...

Jorge Barrett - Comigo aconteceu uma coisa muito estranha. Primeiro que eu ia pra Manaus. O avião foi pra Manaus, junto com outras pessoas, alguns presos que estavam algemados e outros que não, que aparentemente era o pessoal militar, não sei. Não estavam fardados.

Nadja Brayner - O avião da FAB?

Jorge Barrett - O avião não tão grande, também não era pequeno. Eu acho que teria 20 assentos, uma coisa assim, e não eram laterais como avião de guerra, né? Era mesmo poltrona olhando pra frente. Se serve para alguma coisa algum dia eu não sei. Então no dia 2, agora eu estou sabendo exatamente, no dia 2, vou pra Manaus, mas o avião desce, desceu o pessoal, subiu outro pessoal e continuou até São Paulo...não, até Brasília. Desço em Brasília e aí me levam para um quartel e o homem que estava encarregado de mim, vamos dizer assim, junto com os outros, mas ele é que falava comigo, me disse : "Você vai dizer que você é fulano de tal. Me deu um nome e um sobrenome. Não vai dizer seu nome verdadeiro." Bem, me levaram, entregaram ao soldado, até a porta da cela, uma cela grande, cômoda, e apareceram com pouco tempo depois um bom prato de comida, grandão...eu tinha perdido mais de 20 kg. Aí aconteceu o seguinte, nesse tempo eu pensei: "Se eu falo meu nome verdadeiro, quer dizer que é ruim pra eles, ou seja, quer dizer que é bom pra mim". Veio um oficial e perguntou; "Qual o seu nome?" "Jorge Barret Viedma". Aí ele ouviu isso e falou: "O sr. tem documentos aí?" "Tenho". Eu tinha minha carteira de identidade comigo. E entreguei minha carteira de identidade do Uruguai pra ele, e ele pegou, acho que ele foi e voltou e devolveu pra mim. Não falou nada, ficou nisso. No outro dia aparece essa pessoa, que eu agora vejo que é do DOI CODI de novo e já indo pra pegar o avião de novo ele disse: "Você falou seu nome verdadeiro". Como dizendo: olha, vai acontecer alguma coisa com você.

Bem, eu cheguei em São Paulo, me colocaram numa espécie de Rural, sabe, uma camioneta Rural da época. Entrou no prédio do DOPS, eu sabia muito bem, por que em São Paulo o apartamento que aluguei era bem perto desse prédio, no Largo General Osório, vejam só. E aí desceu e tinha um estacionamento bem debaixo e daí direto pro Fundão. E aí no Fundão aconteceu uma coisa que eu acho até importante que é o seguinte: aquele Fundão tinha três celas paralelas e uma transversa, assim, que dava pra ver as janelinhas dessas outras três. Só dessa, era a única cela de que a gente podia ver quem estava dentro da janelinha. Na primeira estava José Genoíno Neto, hoje todo mundo sabe quem é. Na segunda cela estava Edgar de Aquino Duarte e lembro que é Edgar **DE** Aquino Duarte, as vezes aparece sem o **DE**, na terceira estava eu e na quarta

um marinheiro que não tinha nada a ver com política e estava preso por que roubou um uniforme de oficial da Marinha só por que ia pra uma festa e queria ganhar umas meninas (**Risos**), uma coisa assim. Ele queria conseguir meninas com isso, mas saiu de carro, bateu, não... perseguiram ele porque iam parar o carro e ele estava de uniforme que não era o dele, então se mandou. Saíram atrás e ele bateu o carro, quebrou uma perna, e foi preso, terminou aí no Fundão do DOPS. Não tinha nada a ver com política.

Mas o que é que aconteceu. Cheguei lá, no primeiro dia, os outros queriam falar comigo, perguntar quem era, queriam saber sobre mim. Eu não sabia onde estava, não sabia quem era que queria falar comigo, então eu não podia abrir a boca, mas como eu disse para Luis Felipe e disse também para Manoel Moraes, quando uma pessoa é muito jovem também é muito inconsequente. Foi mais forte a necessidade de contar o que aconteceu do que ficar calado ali. Depois, eu acho que foi no terceiro dia que comecei a falar com José Genoíno e com Edgar de Aquino Duarte. Aí começamos a falar, contar cada um a sua história e Edgar contou pra mim o seguinte: que, estava morando ele em São Paulo sem se meter em nada, retirado de toda atividade política, que ele foi da Marinha e que ele tinha um grande amigo chamado José Anselmo dos Santos, que todo mundo conhece como cabo Anselmo, que é um herói da resistência contra a ditadura e que ele estava preso ali por que tinha...como é que se fala que escondeu ele em sua casa?...tinha homiziado ele em sua casa. Que acolheu ele na casa, ofereceu, se encontrou casualmente na rua com ele e que ele, o Anselmo, disse que estava sem contato com ninguém, que não ia demorar e se ele conhecia alguém de alguma organização para por em contato com ele, por favor dissesse a ele pois ele precisava se comunicar com alguém, que ficou isolado e que precisava...qualquer organização, não importava, que passasse algum contato pra ele. Aí o Edgar disse a verdade, né, que não tinha contato com ninguém, que estava isolado, que estava com nova identidade, que estava trabalhando bem e que não queria mexer com nada.

Ainda assim o cabo Anselmo foi morar na casa dele e falava abertamente por que Edgar, no seu tempo, ele treinou em Cuba, isso já seria a condenação e já teria um preço por sua cabeça de 45 mil dólares de acordo com a história aqui do Recife, então isso já dá uma base de suspeita muito forte que ele foi morto e não solto. Então ele disse que uma noite voltavam, não me lembro de onde, se foi de uma peça que foram ver de teatro, restaurante, alguma coisa assim, mas estavam voltando juntos para o apartamento do Edgar. Nessa caminhada passaram na porta de um hotel e nesse momento estava descendo de um ônibus uma delegação de basquetebolistas cubanas e o cabo Anselmo fez uma coisa que eu várias vezes o vi entrar nessa euforia. "Oh, cubanos" aí chegou pra eles: "Eu estive em Cuba, eu conheço o pessoal de lá, sou amigo de Fidel Castro" e não sei quê, e tirou alguma coisinha assim, para mandar para o Fidel. E que, segundo falaram outras pessoas, eu não sei, que devem ter

conhecido...até o José Genoíno talvez, conhecido a história da boca de Edgar, não é, ele até disse : " Leva isso que ele vai saber quem está mandando". Isso não seria nada raro, depois de ter conhecido o cabo Anselmo. Por que algumas vezes ele tinha já atuado exatamente assim. Então, o cabo Anselmo...Edgar, aterrorizado com isso, com a situação, vai, pega no braço do Anselmo e diz "Vamos embora daqui. A gente não pode ficar aqui, vamos, vamos, vamos." Ele conseguiu levar ele, mas já foi seguido. Chegaram lá na casa, no apartamento, e essa noite prenderam ele...os dois. Em casa, na mesma casa. Daí eu não tenho lembrança de que...ponha-se em dúvida aí...eu pensava que ele tinha me dito que sempre esteve aí no Fundão. Mas parece que passou por outros lugares ou foi passeado por outros lugares.

Pois bem, a continuação da história que eu escutei é a seguinte: chegaram ali no Fundão mesmo, do DOPS, e aí foi retirado pelos cabelos, a pancadas pelo corredor, o cabo Anselmo, e nunca mais foi visto por Edgar. Então Edgar, até que eu o conheci, até que eu cheguei ali, ele nunca mais o viu e tinha então a certeza de que ele tinha sido morto. E que não soltavam ele pra que ninguém soubesse que o cabo tinha sido morto. Então ele me falava...e de repente ele falou uma coisa que me chocou, quer dizer, uma coisa muito familiar. Me disse "Ele era assim, ele era assado, e soltou; "Ele era muito parecido sabe com quem? Com Ho Chi Min". Minha irmã sempre me disse, me falou dessa semelhança do cabo Anselmo com o rosto de Ho Chi Min. Os dois, sem barba, são muito parecidos, realmente, né? Ho Chi Min sem aquela barbinha branca, e ele sem os bigodes, essas coisas... tem os mesmos pomos salientes, tem muita semelhança. Ho Chi Min...Quando falou Ho Chi Min imediatamente eu me lembrei do Jadiel, pra mim não era o cabo Anselmo, tem que lembrar isso, e eu comecei a contar a história, tudo isso, e falei que esse homem também de lá de cima era muito parecido com Ho Chi Min. Aí , de repente, eu disse, "Me diga uma coisa, ele não andava sempre com aquelas calças de pano riscado assim, chama-se...cotelê, aquelas calças de cotelê? Ele não tinha duas calças de cotelê? Duas camisas...andava sempre de camisa de mangas compridas, com dois bolsos, assim, camisa lisa, sem quadrinhos, sem nada?" Ele disse, "Sim,sim". "Pôxa, e ele não andava sempre com uma câmera e um gravador pendurado no ombro?". Ele disse sim. "Olha, tinha um par de botas assim, assim , assim?" "Sim". Quando que o cabo Anselmo cambiava...mudava esse look, essa vista, vamos dizer essa apresentação dele, não é? Essa moda dele? Quando tinha uma reunião, aqui em Olinda, quando saía pra uma reunião. Então ele saía com uma camisa bem pobrezinha, uma calça diferente e de sandália, mas depois, a foto que eu dei pra Luis Felipe, está com a mesma calça , com a mesma camisa que estou falando, com o mesmo estilo. Então depois já entramos em detalhes de descrição da pessoa e ERA A MESMA PESSOA. Aí então, o Edgar de Aquino Duarte, que tinha assim uma voz profunda, uma voz que saía lá de dentro, parecia que saía da sua alma não da sua

garganta... de repente eu estou me perguntando : "Eu digo ou não digo pra esse homem que é o mesmo? Digo ou não digo pra Edgar que o mesmo cara de lá, que é policial, é aquele que estão querendo dizer pra ele que está morto? Que ele acredita que está morto e que é um herói?"

Afinal eu disse, "Olha, toda essa história de lá de cima, é feita por um cara com toda a descrição do cabo Anselmo que você me fala, do seu amigo. Seu amigo é policial." Então, tentamos que não fosse a mesma pessoa, mas não dava certo. ERA A MESMA PESSOA. Hoje sabemos oficialmente que era a mesma pessoa nos dois casos. Mas Edgar de Aquino Duarte soube por mim e entrou numa crise profunda, batia a cabeça nas paredes, dava socos, chutes contra a porta e chorava e lamentava. Era uma coisa incrível pra ele estar dois anos e meio defendendo a um herói e o cara era um policial. Que ele estava preso pra que ninguém soubesse que era, que esse homem era policial.

Acho que passei longe dos quinze minutos... **(Risos)**. Eu não tenho problema, só se vocês cansarem...

Nadja Brayner - Jorge, só uma coisa ainda sobre o Edgar. Depois que ele soube disso, ele teria tido um tratamento diferente?

Jorge Barrett - Então, vamos a isso. Dias depois, não sei quanto tempo estive no Fundão, mas foi menos de um mês, passei pra uma das celas... acho que eram três...três ou quatro...coletivas, se fala?... e dessas celas coletivas, se via um pátio assim, bem pequenininho, com grades em cima, que daí se podia ver o céu e entrava sol por ali. E as pessoas que estavam na cela coletiva saíam durante um certo tempo, não posso dizer agora quanto tempo, não me lembro, mas as vezes a gente saía dez minutos, quinze minutos, meia hora, ficava no sol e depois de volta pra dentro. E Edgar nunca tinha sido visto por que nunca, nunca ele tomou sol nesses dois anos e meio que estive ali, jamais foi tirado para ir ao sol, jamais foi mostrado, vamos dizer assim. Ele sempre esteve lá dentro, nunca saiu. Mas, um dia, apareceu. E já estava de cabelo curto. E quando ele passava assim e voltava, aí falava pra mim, para que não escutasse o guarda que estava lá, "Eles dizem que vão me soltar, eles dizem que vão me soltar, mas eu acho que eu vou morrer, eles vão me matar". Cortaram o cabelo, estava levando sol... eu até que durante muito tempo tive a esperança de que ele estivesse vivo e simplesmente se afastou de tudo, solto e se afastou de tudo. Mas hoje não tenho mais essa ideia, tenho uma forte suspeita de que...ele tinha um valor e não iam poupar isso por caridade **(se emociona)**...essa pessoa não tinha caridade, acho que nem a palavra conhece. Indubitavelmente, saber que era um movimento econômico, deixa de fora qualquer possibilidade de que ele esteja vivo. Ele esteve em Cuba, já estava condenado. Talvez estejam esperando uma oportunidade de apresentar a

morte dele como uma coisa... efetivamente, até hoje, ninguém sabe nada dele, não é? De como morreu...

Nadja Brayner - É desaparecido.

Jorge Barrett - Até agora desaparecido. Bem, dali, uma vez e só uma vez, fui retirado da cela coletiva e não do Fundão. Da cela coletiva fui retirado e me levaram pra um lugar que era muito amplo, tinha umas colunas assim, umas divisórias, até que atrás de uma divisória dessas aí, uma divisória em ângulo, meio fechadinho, tinha uma escrivaninha, e uma coisa assim, com carpete, e livros, cadernos. Aí pegaram, não sei se era livro ou caderno, mas devia ser livro pelo tamanho, cheio de fotinhas e eles apontaram, aí eu vi passar a foto de Onofre Pinto, de Aluisio Ferreira Palmar, são os que eu conhecia, mas nem perguntaram nada pra mim. Pararam em Mário Japa: "Olha, eu quero saber se esse está no Chile, se você viu no Chile esse aqui." Eu não o tinha visto nunca, mas quando me mostraram, me falaram do Chile e de um japonês, minha irmã falava muito comigo de um amigo japonês, que era da mesma organização e é uma pessoa maravilhosa. Dizia minha irmã que quando ele estava pensando assim, que estava calmo, que dava pra ver uma coisa branca ao redor dele. E minha irmã acreditava que isso era por que ele era uma energia muito boa, uma pessoa muito boa. Até que eu contei isso, faz uns três, quatro meses atrás pra ele. Bem, eu pensei imediatamente "deve ser aquele de quem falava Soledad". Não me falaram o nome, não me disseram o nome, mas depois que eu saí de lá...peraí, quando eu saí dali eu tentei esquecer tudo. Só há poucos anos atrás é que eu decidi começar uma pesquisa sobre tudo.

Um dia eles me pegam, me levam sem algemas, por dentro do DOPS assim, uma subida, descida, é impossível descrever esse caminho. Era outro andar e era pra cima. E entro numa sala que não tinha porta ou estava aberta pra fora, não sei, não dava pra ver porta aí. E havia uma fileira de assentos. Me fez sentar no primeiro, sentou no segundo, e depois de um pouquinho falou pra outro que estava ali: "Dá uma olhadinha pra ele" e foi embora. Aí eu vi que naquela sala tinha câmeras, uma porta grande, parecia que era o lugar de alguém importante, de alto grau, uma coisa assim. Pelo que estavam falando os outros, cada vez tinha mais gente, chegava gente, entrava, saía, entravam outros, uma coisa assim; pelo fluxo e pelo que eles falavam soube que isso aí era o escritório do Fleury. Alguns falavam de "Dr. Barreto" outros, "Dr. Fleury". Aí aconteceu uma outra coisa muito importante mas já por todos conhecido que é... bem, o fato é o seguinte: em determinado momento um dos que estavam ali, eu soube, chamavam ele de "Cardoso", logicamente não deve ser o nome, né. Ele estava se divertindo com um ventilador que estava ali, conectado na tomada, a tomada não tinha tampinha, ele metia o dedo por trás e de alguma forma fazia com que o

ventilador parasse. Soltava, o ventilador andava. Fazia não sei o quê, o ventilador funcionava. Acho que ele fazia uma ponte, ele levava choque mas aguentava. Era uma coisa assim.

E aí eu fiquei pensando: "É. Deve ser torturador acostumado a dar choque, né? Não liga pra energia." OK, mas aí foi mudando e de repente aquele que deixaram encarregado de mim levantou, entrou, foi embora. Esqueceu de mim e aí eu não sabia o que fazer. Se eu tento sair daqui vou apanhar, por que eu não consigo sair daqui se eu não sei nem como cheguei aqui. Fui pensando isso e nem tentei, fiquei ali quietinho. A conversa, eu comecei a atentar na conversa desse pessoal e veio um grupo que começou a falar mais claro. Diziam: "Você vai pro Chile?" Não era pra mim, era entre eles que estavam falando. "Vai pro Chile?" "Não, não, eu vou depois.". Uma coisa assim. Antes e depois de quê no Chile? Finalmente a conversa dos que estavam ali era que ia ter um golpe de Estado no Chile, e que uma equipe ia chegar lá antes e uma outra parte ia chegar depois, e que isso ia ser no começo de setembro. Eu colhi essa informação e nada podia fazer, mas com isso estava sabendo que ia ter um golpe de Estado no Chile, que iam ir atrás dos brasileiros que moravam lá, que possivelmente iam ajudar com as torturas lá, como já é conhecido que tem acontecido entre Uruguai, Paraguai e Brasil, então finalmente apareceu aquele que me deixou ali, me pegou, colocou algema, "Vamos", disse pra mim, deu pra eu colocar a algema, deu pra eu colocar e eu coloquei bem soltinha. Lá fora me levou num carro, Praça de São Pedro, Delegacia de Estrangeiros, pegaram meu passaporte e na ultima folha colocaram num carimbo do tamanho quase da folha, que eu estava sendo expulso de acordo com as leis tais, tais e tais, e alguma coisa que por dez anos eu não poderia voltar para o Brasil. OK, com isso marcaram meu passaporte, não é, mas com esse passaporte foi que cheguei no Chile. Mas em canto nenhum falava de exilado político, nada disso. Falava que eu saia do país mas nesses termos...não me lembro, realmente, se falava expulso. mas nas aduanas, nos postos de controle das aduanas, sempre sabem; esses códigos, essas coisas são conhecidas.

Passaram mais uns dias, me fizeram recolher as coisas, me levaram, me colocaram num veículo que ia pro Rio de Janeiro, chegou o veículo no Rio de Janeiro e deixaram a gente por aqui, por lá, e finalmente me levaram para o aeroporto e me colocaram num avião que ia para o Chile. Avião da VARIG, na época, linha normal. Cheguei lá no aeroporto, não tinha ninguém me esperando, agora, todo o filme que eu fiz dessa viagem na minha cabeça era que ia ter alguém me esperando, pelo menos minha irmã, lá...a minha irmã Nani, que morava lá. Não estava. Não estava ninguém. Apresento o passaporte lá, o homem olha assim e diz "Espere um momento." Lá foi, falou com outra pessoa, demoraram bastante, voltaram e me perguntaram: "O senhor é estudante?" "Não". "O que é que o senhor faz?" "Sou músico". Aí comecei a falar de

tudo que não coincidia comigo mesmo, não é, eu não sabia o que é que estava acontecendo, então, já com tanta coisa que passei, não vou estar dizendo coisas...quer dizer, não vou estar facilitando o interrogatório, não é. No final parece que eles se convenceram que eu não era eu e colocaram um carimbo e deixaram eu passar. Cheguei até minha casa num táxi compartilhado com uma pessoa que conheci lá em cima e que me ajudou, me levou até a cidade. Cheguei lá e ninguém sabia que eu vinha. Cheguei lá no apartamento da minha irmã e foi aquela surpresa para ela e os que estavam dentro, uma mulher, uma senhora paraguaia que estava dentro e que eu conhecia, também ficou branca assim, quase que desmaia, e aí eu soube que lá todo mundo pensava que eu estava morto.

Bem, passaram uns dias, eu cheguei lá já...como vou dizer? Cheguei lá e a primeira notícia que eu soube é que Onofre Pinto estava desaparecido, quer dizer, ninguém sabia onde estava; Onofre Pinto foi quem disse também que eram policiais algumas outras pessoas militantes da ALN que já tinham dito que Anselmo, o cabo Anselmo, tinha entregado alguns militantes da ALN, que tinham informado isso e também Onofre os acusou de policial. E eu também fui acusado de policial. Não de policial, mas ele disse pra minha irmã; "Olha, o Jorge está sendo treinado em São Paulo para se infiltrar na VPR". Depois disso desapareceu. A grande suspeita...realmente, a partir dos grandes momentos de suspeita sobre o cabo Anselmo, a VPR se dividiu em dois. Uma parte que apoiava Onofre Pinto e outra parte que opinava que cabo Anselmo era policial. Então, Onofre Pinto se mantinha numa posição que todos que falassem contra o cabo Anselmo eram policiais. Não é que ele tenha entrado no pacote, mas ele falou isso pra minha irmã. Isso me deu uma raiva tão grande que vocês nem imaginam. Então eu decidi nem aparecer diante de ninguém pra falar de nada o que aconteceu, de nada disso. Passou algum tempo, um mês, não sei, uma coisa assim, até que falaram com minha irmã, foi Ângelo Pezzuti, e minha irmã me disse que eu devia informar pra eles como é que foram as coisas. Eu não queria mesmo, mas finalmente cedi. Disse a ela: "Olha, eu vou lá, falo tudo o que eu sei, e vou embora. Não quero saber mais nada, de ninguém!

E foi assim. Fui, falei com Ângelo Pezzuti, segundo... Mario Japa, ele estava ali... eu sei que tinha outra pessoa, mas eu não me lembro quem era a outra pessoa, acredito que não era o Mário Japa, por que o Mario Japa é japonês e eu me lembraria. Então informei Ângelo Pezzuti de tudo o que eu sabia, ele me contou que teve reuniões onde já se informou e todo mundo estava sabendo que o cabo Anselmo era do outro lado...eu não sabia isso, né? Aí acabou a minha relação com eles. Veio uma segunda coisa, aquela coisa importante que eu falei, à minha irmã eu contei tudo, inclusive essa informação que eu colhi naquela sala, ante sala, antes de terminarem me levando pra Praça Dom Pedro. Me perdi...desculpem... Bom, então contei essa informação que

recolhi ali e minha irmã disse: "Eu conheço alguém, uma moça equatoriana", que também estava no Chile por questões políticas, refugiada ali, "ela é muito amiga de Patrícia Espejo, com "j", que é a secretária principal do presidente Allende, e vou falar com ela pra ver se é possível passar essa informação". Então aconteceu que ela conseguiu uma entrevista com o próprio presidente Allende, fomos eu e minha irmã, ela ficou do lado de fora, na sala, na casa, na residência mesmo do presidente Allende, e ali contei tudo aquilo que eu escutei. Eu era um menino com cara de menino, eu hoje sou um velho com cara de menino, imaginem quando eu era menino! Então eu acho que isso pesou muito para que ele não acreditasse nessa informação. Inclusive ele disse uma coisa que eu escutei muito, no Chile: "Ah, essas coisas aqui não acontecem". No mês de março desse ano fizeram uma tentativa, intentaram um golpe de estado mas não deu certo, voltou pra trás. E quem resolveu a situação? Pinochet, que deu o verdadeiro golpe de estado em setembro. Então Allende não acreditou nisso e acabou me oferecendo pra degustar um vinho chileno por que eu era estrangeiro, não é. Tudo bem, tomamos aí uma tacinha de vinho, um abraço, muito prazer de conhecer e aí acabou. Fui embora...Ah, as palavras eram ; "Aqui no Chile? Não, aqui no Chile é diferente. Aqui não acontecem essas coisas." Aconteceu, no dia 11 de setembro.

Bem , repasso essa informação à vocês, como mais uma história de que prova mais uma vez a existência do Plano Condor.

Roberto Franca - Jorge, me desculpe, você se lembra o mês dessa conversa com Allende? Quando foi?

Jorge Barrett - Eu cheguei lá no começo de julho, acredito que isso foi final de julho.

Nadja Brayner - É, antes de setembro.

Jorge Barrett - Sim, sim, sim, lógico que sim.

Roberto Franca- Menos de três meses antes...menos de dois meses.

Jorge Barrett - Sim, agosto pra setembro...

Manoel Moraes - Jorge , eu não sei se você gostaria de terminar, por que a gente queria dar um intervalo, pra que então depois do almoço a gente retomasse. Pode ser?

Jorge Barrett - Pode ser. Só dois minutinhos pra fechar esse relato.

Nadja Brayner - Essa foto aqui, de quem é?

Manoel Moraes - Quem é nessa foto?

Jorge Barrett - Em princípio, daqui, não conheço.

Manoel Moraes - Olhe direitinho...por favor...

Jorge Barrett - Esse sou eu!

(Risos)

Nadja Brayner - Jorge, quantos anos você tinha aí, lembra?

Manoel Moraes - Isso estava no seu prontuário no DOPS. Você vai receber toda essa documentação.

Nadja Brayner - Você lembra quantos anos você tinha aí?

Jorge Barrett - No DOPS de Pernambuco...eu devia ter 21 anos , não é?]

Nadja Brayner - Parecia bem menos.

Manoel Moraes - Conclua.

Jorge Barrett - Só um pouquinho mais. Veio o golpe de estado, então, do 11 de setembro e alguns dias depois eu consegui entrar na Embaixada do Panamá junto com minha irmã Nani. Nessa Embaixada a grande maioria era de brasileiros e , em quantidade de pessoas o segundo grupo era de uruguaios. Nunca, jamais, falei desse caso dentro do local da Embaixada, com ninguém. Mas nessa Embaixada estava Shizuo Osawa, Mario Japa, segundo eu sei hoje, no momento eu não sabia, estava Maria do Carmo Brito, que pessoalmente nunca me foi apresentada, eu não conheço, ainda que tivemos algum tipo de comunicação através de Mario Japa há pouco tempo atrás, ela cedeu algumas imagens do livro dela. E depois, do Panamá nós dois fomos resgatados pela família, através de contatos na Venezuela. E, bem, já chegando no Chile, eu soube que tinha três comitês internacionais pedindo pela minha liberdade; quer dizer,por tudo aquilo que eu pensava que eu fiz, o pessoal da esquerda devia ter alguma responsabilidade, fazer alguma coisa por mim. Foi feito sim, mas não foi feito pela VPR, foi feito mais por comitês de pessoas que lutavam pelos Direitos Humanos, e isso é uma coisa que ficou pra mim e continua, por que (emocionado) uma coisa é a humanidade e outra é a política. Nunca, nenhum grupo político se preocupou por a gente. Jamais. Nunca nos procuraram, nem sequer pra saber como foi. Imagina que quando Ângelo Pezzuti quis saber o que é que foi que aconteceu, a VPR já não existia. A VPR foi dissolvida em março de 1973 como consequência dessa primeira divisão de enfrentamento entre os dois grupos internos. Então...obrigado...Então eu quero parar agora, tá? (muito emocionado) Acho que é o momento pra parar.

Fernando Coelho - Nós suspendemos a reunião durante 40 minutos; depois...uma hora a pedido de Nadja. E daqui a uma hora recomeçaremos aqui.

Fernando Coelho - Estão reabertos os trabalhos. Vamos continuar ouvindo o depoente. Eu passo a palavra à Dra. Carolina Furtado para interpelar o depoente.

Carolina Furtado - Boa tarde, Sr. Jorge. Meu nome é Carolina Furtado eu sou Procuradora da República aqui em Recife e presido o inquérito civil que trata desses fatos. É por isso que o depoimento do senhor é muito valioso. Valioso sob todas as óticas, pro Estado de Pernambuco e enfim para a preservação e garantia da revelação da verdade aqui no Brasil. Eu pediria que o senhor entrasse em maiores detalhes, o senhor já relatou em linhas gerais o que aconteceu nos dias anteriores e logo depois ao que se chama hoje "o Massacre da Granja São Bento". Eu pediria só que o senhor detalhasse melhor, o senhor já falou que saíram num carro, um fusca, salvo engano, junto com outras pessoas, dali uma parte saiu pra uma boutique em Boa Viagem, o senhor seguiu com Anselmo. O senhor poderia detalhar mais o que aconteceu nesse dia?

Jorge Barrett - Bem, acho...pensava ter detalhado bem, mas vamos tentar de novo. Era cedo, de manhã, eu acredito que sete horas, talvez um pouquinho mais mas não muito mais. Saímos de carro eu, Soledad, Anselmo, Eudaldo e Pauline. Cinco pessoas no total no carro. A minha esposa já tinha ido trabalhar, de ônibus. Ela trabalhava na Associação de Comércio Varejista...Federação de Comércio Varejista no Estado de Pernambuco. No Centro do Recife...não sei, em algum lugar do Recife, não posso falar que seja Centro. Chegando já perto do Centro do Recife desceram do carro Pauline e Soledad pra pegar ônibus e então ir até a boutique de Sonja Maria Cavalcanti, na Rua Conselheiro Aguiar, no bairro de Boa Viagem. Para uma boutique que pertencia a Sonja, aonde Soledad deixava blusas bordadas em consignação para serem vendidas. A intenção dessa vez era recolher o dinheiro das ultimas vendas que foram feitas, com o fim de juntar mais dinheiro para uma viagem dela e do Anselmo para o Chile, aonde ele devia se defender das acusações, ou seja, se apresentar num julgamento, sob a acusação de ser infiltrado na organização VPR.

Carolina Furtado - Soledad e Pauline, então, já de antes, costumavam deixar produtos nessa loja, nessa boutique em Boa Viagem?

Jorge Barrett - Não, somente Soledad. Pauline foi uma acompanhante casual nesse dia.

Carolina Furtado - Certo.

Jorge Barrett - Outra intenção do movimento desse dia, foi de Pauline e Eudaldo se prepararem também para sair do lugar. Não era somente fugir do Sítio de São Bento,

vendo que tinha muita gente estranha, que estavam controlando... quer dizer, pode ser simplesmente, eles esperaram a noite e foram embora, não é? Aí chegaram no apartamento e, aparentemente, durante essa noite eles nem dormiram, conversando ali. Eu dormi. Então, Eudaldo e Pauline iam embora. Pauline acompanhou Soledad enquanto que Eudaldo continuou conosco, chegamos ao Centro e num ponto de estacionamento que não estava permitido o Anselmo parou o carro, imediatamente apareceu um policial que estava na esquina fazendo sinais pra ele circular, sair dali. Aí ele, de vidro abaixado, disse para o homem que ele estava numa missão oficial. Pegou o envelope, abriu o envelope e entregou uma folha de papel, que eu não consegui ver o quê que era, o policial pegou o papel, leu, devolveu, e foi embora. Nem disse também isso ou aquilo. Ir embora, quer dizer que estava tudo bem. Enquanto isso estava acontecendo, já o Eudaldo estava indo para a porta daquela edificação, vamos dizer, de porte muito antigo, arquitetura muito antiga, e com porta na esquina, ele entrou ali, mas já quando estava entrando ali...ah, ele tinha lhe dito que entrasse ali que a gente ia pra outro lugar mas que quando ele voltasse era pra entrar no carro que ia ficar estacionado, ia ficar aberto. E que a gente voltava em seguida. Tá, ficou assim, e eu fui levado pelo cabo Anselmo para um barzinho a poucas quadras dali e ele me dizendo que queria me apresentar um amigo que ia me ajudar enquanto Soledad e ele viajavam para o Chile e voltavam de lá. De qualquer maneira também, ficou mais uma vez decidido que, assim que eles voltassem eu ia embora junto com Leninha e ia morar no Uruguai. Leninha já...quer dizer, nós morávamos juntos, ainda não tinha papel, eu não tinha o documento que precisava para casar, e depois se deu de outra maneira. Eu já completando 21 anos na prisão, então não tinha mais necessidade daquele documento de autorização dos meus pais. Bem, ele me levou a uma rua aonde tinha camelôs, e aí tinha um restaurantezinho, um barzinho, não muito grande, mas também de um tamanho respeitável. O local tinha, aparentemente três portas. Uma, estava coberta até a metade, a primeira da direita, funcionando como uma janela, a do centro toda aberta, que era a porta principal, e a outra fechada e com umas caixas do lado de dentro. O restaurante não era nada luxuoso, parecia um pequeno restaurante pra chegar ali e almoçar, o pessoal dos camelôs. Era mais ou menos isso, e aí dá pra entender mais ou menos o aspecto interior. Nesse restaurantezinho que me levou até lá, tinha uma única mesinha com duas cadeiras, eram duas cadeiras em frente uma da outra, e olhando pra fora, do lado esquerdo tinha uma coluna. Do lado direito que era a passagem não tinha nenhuma cadeira. Eu tentei sentar para ficar olhando para a porta, o cabo Anselmo disse então que eu deixasse ele de frente por que o amigo dele poderia passar por ali e continuar, não é? Bem, eu fiquei de costas pra porta, passados uns minutos ele disse "Olha, passou meu amigo, pera aí que eu vou chamar ele." Ele saiu, eu vi ele saindo, depois virei e uns segundos depois uma voz me disse detrás "Se se mexer é morto", virei lentamente e vi o Sérgio Fleury me apontando uma arma.

Carolina Furtado - Nesse momento o senhor já não viu mais o Anselmo?

Jorge Barrett - Nunca mais, até hoje.

Carolina Furtado - Já o perdeu de vista...

Jorge Barrett - Completamente.

Carolina Furtado - Certo. O senhor falou hoje pela manhã, em algum momento mencionou a pessoa que o senhor sabe hoje que se chama Carlos Alberto Augusto.

Jorge Barrett - Sim.

Carolina Furtado - Nesse dia o senhor chegou a vê-lo?

Jorge Barrett - Nunca o vi. Jamais.

Carolina Furtado - Certo. O senhor sabia da existência dele por que nomes?

Jorge Barrett - Não. Eu não sabia da existência dele. A única coisa que hoje posso relacionar é que o cabo Anselmo justificava a documentação que conseguia para esses militantes aí do grupo, conseguia documentos verdadeiros, perfeitas as carteiras de identidade, perfeitas as carteiras de trabalho, perfeitos os atestados de nascimento e ele falava de um contato que ele tinha. Não de alguém que era da organização, um contato que ele tinha. Acredito que era Carlos Alberto Augusto, não? Acredito que seria ele, quer dizer, revendo a história, estudando, pesquisando, eu acho que esse era um contato policial entre aquela equipe de Fleury e o cabo Anselmo, ele poderia ser isso. Mas, se fosse mesmo essa pessoa, que fornecia os documentos, ele sempre foi nomeado como um contato de fora, não como alguém de dentro. Quer dizer, não coincide com aquele depoimento de...ante o Ministério Público, de Carlos Alberto Augusto.

Carolina Furtado - Sim, ele relatou que agiu mesmo como infiltrado, como se fora um amigo também infiltrado do Anselmo. Isso é de acordo com o que o senhor conhece, com o que o senhor sabe? Isso procederia? Tem algum fundamento?

Jorge Barrett - Eu realmente estudei bastante o tema e me fui armando de informações que, no momento, eu não tinha. E fui entendendo melhor a formação daquele grupo e posso dizer que, em nenhum momento, teve um outro infiltrado que não seja somente o cabo Anselmo. Inclusive a culpa do Massacre de São Bento, foi jogada, no começo, acima de José Manoel e acredito que inclusive...hoje, eu acredito que ele foi torturado com a intenção de que ele, de vontade própria, chegasse até o Sítio de São Bento...àquela outra Granja é impossível, né?...de que ele pelo menos mostrasse, ou saísse em foto que estava sendo levado, uma coisa assim

para...mas...digo isso com base em que ele foi detido no dia anterior, dia 7, domingo 7, num posto de gasolina na sua cidade natal, Toritama. Acredito que não seria...erhhhh...nos relatórios policiais, nesses relatórios policiais se fala de um militante que fugiu do lugar, depois fala de dois militantes que fugiram do lugar. Para que tenha cabimento a história policial e a história de Carlos Alberto Augusto, seria fugir três. Por que um, Evaldo Ferreira de Souza dizem que fugiu do lugar e encontraram ele no Chã de Mirueira no dia seguinte; dois, seria o cabo Anselmo, tentando salvar a imagem dele e sair coberto, funcionando como o papel que fazia - infiltrado. Faltaria um terceiro, teria que ter um terceiro no relatório policial para dizer... Olha, dois já foi um exagero. Três já é muito não?

Carolina Furtado - Certo, então o senhor, do momento em que o senhor foi preso, o senhor relatou que Fleury chegou e já anunciou que o senhor teria que seguir com ele, daí então o senhor nunca mais viu o Anselmo. Depois desse momento o senhor sabe dizer se houve reuniões dos demais membros da VPR pra tratar dessa questão? Por que até então, havia uma suspeita mas ainda estava em aberto a questão, não é? Havia suspeita de que o Anselmo fosse infiltrado mas ainda não estava, digamos assim, decidido. Depois do evento na Granja São Bento, houve reuniões da VPR pra tratar disso?

Jorge Barrett - Aqui na região, em Pernambuco?

Carolina Furtado - Aqui ou no Brasil. Enfim, mesmo no Chile, no exterior...

Jorge Barrett - Aqui, duvido muito.

Carolina Furtado - Não teria mais ninguém?

Jorge Barrett - Não, não. Foi dissolvido. Ficaram simpatizantes... mas não militantes. Simpatizantes como a minha própria esposa, que estava ali, ela queria entrar, mas nunca entrou, nunca funcionou dentro do grupo, nunca assistiu uma reunião. Casos como a família de Jarbas Pereira Marques, a senhora Tércia... simpatizante. No caso da esposa de José Manoel ela não sabia, não tinha a menor ideia, não sabia nada, não tinha conhecimento nenhum que ele estivesse participando em política, que tinha um grupo político. Ela pensava que todas essas viagens que fazia era pra vender sandálias, sapatos, essas coisas. Sandálias de couro que ele mesmo fazia. Não tenho conhecimento de nenhuma reunião no Recife, Olinda ou na região posterior a isso. No Chile eu sei de duas reuniões. Uma somente da VPR; aparentemente essa reunião foi em finais de março começo de abril. Não encontrei informações de arquivos policiais sobre essa reunião, mas recebi informação de um dos componentes do grupo da VPR no Chile, Aluísio Ferreira Palmar; ele me contou que teve essa reunião e depois de muita discussão e muitos problemas entre as duas facções, por que ficou dividido

entre os que acreditavam que Anselmo era infiltrado e os que defendiam, né? Então, já depois do massacre tiveram finalmente uma reunião oficial que foi essa aí, onde decidiram principalmente três coisas: 1) Condenar à morte o suposto José Anselmo dos Santos, o mal chamado cabo, por que não o era, e dizem que também o Fleury. Isso aparece em outro informe que poderia estar se referindo a essa reunião. Mas, foi condenado a morte; Onofre Pinto foi expulso da VPR, repartiram o dinheiro que possuíam, que aparentemente são uns setecentos e pouco mil dólares, segundo informações muito recentes. E, finalmente, ao final da reunião decidiram dissolver a VPR. Aí acabou a VPR como organização e cada qual tomou seu rumo. A razão disso foi que repartiram entre os quatro cabeças do grupo aquele dinheiro.

Carolina Furtado - Esse dinheiro até então estava concentrado fisicamente num só lugar ou ele era...

Jorge Barrett - O que eu sabia era que o dinheiro total da VPR principalmente aquele dinheiro de Adhemar de Barros, o que eu soube é que o dinheiro tinha sido repartido em três países e além disso parece ser que também existia uma conta suíça. Esses três países são o Chile, Argélia e França.

Carolina Furtado - Certo.

Jorge Barrett - Desconheço o que se passou em outro lugar, somente conheço o que se passou em Santiago do Chile.

Carolina Furtado - Nessa ocasião, nesse momento onde houve essas deliberações todas e houve a repartição dos valores, o senhor disse que foram mais ou menos em quatro partes, não é isso?

Jorge Barrett - Aluísio Palmar me informou que foram quatro grupos da VPR, quatro dirigentes, e entre esses quatro dividiram, e cada qual que agisse como melhor lhe parecesse. Não existindo mais a VPR ficou liberado dessa maneira.

Carolina Furtado - Algum deles era brasileiro?

Jorge Barrett - A suspeita que eu tenho é que essas quatro cabeças eram Aluisio Ferreira Palmar, Shizuo Ozawa - Mario Japa, Ângelo Pezzuti e... Onofre Pinto foi expulso e não estava presente... não sei quem poderia ser a outra; falo por suspeita, não sei, ninguém me disse "eu recebi tanto" ou "fulano recebeu tanto". Falei em quatro cabeças, dividiram nos quatro grupos, né?

Nadja Brayner - Carolina, licença, eu não sei se eu posso ajudar em alguma coisa, eu tenho um documento aqui, um informe, dizendo o seguinte: que essa reunião teria sido feita em abril de 73, no Chile, mas que teria sido uma reunião que envolveu a ALN,

o PCBR, a VAR- PALMARES, VPR e o MR8. Um chamado Tribunal Revolucionário pra julgar o cabo Anselmo e o delegado de polícia Fleury, entre outros. Aí cita o nome de algumas pessoas aí presentes. Eu posso até passar pra você.

Jorge Barrett - Eu tenho, eu conheço. Isso foi uma segunda reunião. A primeira foi só VPR e essa aí foi já entre os outros grupos. Sim, são duas reuniões.

Carolina Furtado - Certo. Então essa primeira foi no Chile também.

Jorge Barrett - Interna, da VPR. A segunda confirma a condenação e aí sim se fala da condenação à Fleury.

Carolina Furtado - A essa altura então Onofre Pinto já havia sido desligado da VPR.

Jorge Barrett - Sim, ele ...fazia já um tempinho que ninguém sabia dele. Teve alguém que falou que tinha ouvido que ele foi visto na Argentina. E realmente, um tempinho depois foi visto na Argentina e ele morreu tentando entrar no Brasil, vindo da Argentina. Então é bem possível que tenha ido...que logo no começo tenha ido pra Argentina.

Carolina Furtado - Em relação ao que aconteceu depois desse episódio, a última vez em que o senhor teve contato com essas cinco pessoas que tinham entrado no carro, de início, foi no momento em que o senhor foi preso. Depois disso já não soube mais o que havia ocorrido...

Jorge Barrett - Os quatro. Anselmo, Soledad... eles foram mortos, seriam cinco comigo não é?

Carolina Furtado - O senhor chegou a cogitar, pensar, imaginar, por que motivo o senhor, naquela ocasião não teve o mesmo destino deles? Por que é que foi preso e não foi levado junto, enfim...por que não aconteceu a mesma coisa?

Jorge Barrett - Bem, isso eu me perguntei. Aluísio Ferreira Palmar perguntou. Mas, não importa os outros, eu mesmo me perguntei por quê. Sempre tentei entender perfeitamente a situação. E surgem várias possibilidades de por quês. Mas por outro lado, o que eu fiz foi fazer favores à minha irmã, fazer favores ao cabo Anselmo e à minha irmã, e aproveitar. Assim, tendo passagens grátis, não para fazer turismo, mas para ver a minha outra irmã, e depois se converteu numa situação que no final, na última vez, se converteu em uma necessidade de ajudar minha irmã. Mas sempre estive claro que eu não pertencia à VPR, que é... vamos dizer, poderia ser um pontinho pra eu achar, como disse o cabo Anselmo, a solução final. A outra coisa é... vou adicionar mais uma coisa, mas que nunca entendi. É o seguinte: quando... nos últimos dias, acompanhei o cabo Anselmo até a casa do meu sogro. Voltando de lá,

estávamos num caminho alternativo que, vamos dizer assim, tem muita areia e, sim, não existe mais. Muito amplo o espaço e o caminho mais ou menos estava marcado pelas vezes que um carro passou pelo mesmo lugar. Mas era tudo areia. Então estávamos ali, voltando, e eu fiz uma pergunta pra ele, no carro, que eu não sei o que é que eu perguntei por causa que eu fiquei muito surpreendido com a reação e isso me fez esquecer o que foi que eu perguntei. Vocês já devem ter notado que as vezes fico assim "o que é que eu estava dizendo?" pois fui sempre assim. Então, fiz uma pergunta que não poderia ser feita se estivesse outra pessoa que não pertencesse à esse grupo, isso eu tenho certeza. A reação imediata do cabo Anselmo quando eu comecei a perguntar foi essa: pôs o dedo em frente à boca e fez assim: sem som! (**reproduz gesto de pedido de silêncio**), sinal de "faça silêncio". O som seria; "Shhhhh!" mas não fez som nenhum. Eu fechei a boca, não falei mais nada, ele também não. Chegamos em casa, na boutique MAFALDA, ahhhh não... no apartamento de Rio Doce, quando descemos do carro então eu pergunto pra ele: "Que foi? por que você me disse pra fechar a boca?" E ele me disse "Olha, hoje de manhã eu levei o carro pro mecânico e ainda não revistei se não tem uma escuta. Não dei uma olhada, nem revisei." É uma situação que também não entendo. Poderia sim, entender, de outro ponto de vista mas isso é muito especulativo e eu nunca quis...dizer...para pessoas muito...com uma questão de ...pessoas muito (...), que não mexem com coisas ilegais, no caso a senhora, mas eu acho que ele gostava de mim.

Carolina Furtado - O senhor acha que ele tentou protegê-lo?

Jorge Barrett - Sim. Então tentou de alguma maneira me proteger. Quem sabe foi por isso também que eu não fui torturado de forma selvagem. Não sei. Poderia ser por isso, não sei. Mas estou mexendo com coisa muito...

Roberto Franca - Só um momentinho. Ele deu a entender que o carro poderia ter uma escuta, quer dizer, dando a entender já agora, que ele andava com o carro com escuta, já sabendo que qualquer conversa estaria sendo transmitida. Não sei se já naquela época havia esse tipo de equipamento. Já? Hoje a gente sabe que é possível, mas naquela época não sei...

Jorge Barrett - Eu falei escuta por uma questão de português não é, por que eu não sabia achar a palavra... Então isso de "escuta" deve ter sido outra palavra, por que agora sim, essa palavra é usada realmente. Mas o que ele me disse foi isso, que não tinha visto se no carro tinha algum equipamento pra gravação ou rádio, não sei. Não sei como disse, mas sei o que quis dizer. O que ele disse foi exatamente isso, que alguém poderia estar escutando a gente através de algum aparelhinho.

Carolina Furtado - Havia uma convivência já de algum tempo, não é, que Anselmo estava com a sua irmã e o senhor tinha um contato com ele?

Jorge Barrett - Sim, eu conheci o cabo Anselmo em janeiro do ano de 72. E aí estamos falando de dezembro de 72. Bastante tempo.

Carolina Furtado - É nessa época, por volta do início do ano, que o senhor Carlos Alberto Augusto informa que chegou ao Recife já pra montar um...digamos, uma estrutura pra acompanhamento.

Jorge Barrett - Qual época?

Carolina Furtado - Em janeiro de 72.

Jorge Barrett - Sim, logicamente. É que toda essa... vamos dizer, a intenção, vindo do ponto de vista do cabo Anselmo e do Sérgio Fleury, ou da repressão do exército, seja lá quem for, mas o grupo do Nordeste foi criado não pela esquerda; foi criado pelo DOPS, foi criado pelo exército, foi criado por cabo Anselmo, com a intenção clara de juntar a maior quantidade possível de gente que tivesse um preço por sua cabeça. Por isso hoje falei que foi um intento "quase falido". Por que não juntou muita gente. E por quê não juntou? Por que começou já a correr aquela suspeita, já desde o ano 70, apenas ele chegou ali já tinha gente suspeitando que fulano e cicrano estão caindo principalmente por causa...especialmente na ALN... que estão caindo após contato com o cabo Anselmo. Então eu acredito que esse plano que eles tinham não se desenvolveu para trazer mais gente por que já tinha começado o conhecimento ou suspeitas de vários grupos, inclusive eu acho que também no Chile, suspeitas de que o cabo Anselmo era infiltrado. Acredito que ninguém... ah! desculpe, tem uma pessoa, poderíamos conseguir um depoente sobre isso: Mario Japa, o Shizuo Osawa, me contou, acho que me contou por email, acho que até posso mandar o email, me contou que ele estava em Cuba quando soube que Pauline vinha para o Brasil para esse grupo do Nordeste, e ele já estava sabendo das suspeitas. Isso também, pensando bem, agora...me desculpem que seja agora, mas isso também comprova que muito antes da minha própria viagem das cartas, já existia suspeita sobre ele. Ou suspeita para alguns e certeza para outros,não é? Por que a ALN , literalmente, disse: "Fulano caiu em contato com ele, fulano caiu em contato com o cabo Anselmo" enquanto que na VPR mesmo existiam dúvidas. Poderia ser que não fosse assim. Respondi sua pergunta?

Carolina Furtado - Sim, na ALN então havia, digamos assim, um consenso sobre a questão enquanto na VPR isso era ainda...

Jorge Barrett - Pelo menos na ALN de São Paulo.

Carolina Furtado - Quanto a este ponto estou satisfeita, agradeço ao senhor pela vinda, o prazer e a honra são todos nossos.

Jorge Barrett - Pra mim foi um prazer.

Carolina Furtado - Muito obrigada, e muito obrigada também à comissão pela oportunidade de fazer essas perguntas.

Jorge Barrett - Se alguém não tiver uma pergunta imediata eu gostaria de contar alguma coisa para a doutora. Temos aqui um documento que pode revolucionar toda a pesquisa sobre o cabo Anselmo. Eu vou ler pra sala : República Federativa do Brasil, com data...o documento tem data do ano de 2009, o escudo do país, Estado de Sergipe, Poder Judiciário, Comarca de Itaporanga da Ajuda. Segundo Ofício de Registro Civil das Pessoas Naturais e Jurídicas, Títulos e Documentos e Tabelionato. Iara Maria Horta Maia - Oficial. O título do documento: Certidão Negativa de Nascimento. "Reportando-me ao ofício nº 276/2009, AGO PRU 33AGU, datado de 28 de janeiro de 2009, e recebido neste em 13 de fevereiro de 2009, certifico que fiz buscas nos livros de Registro de Nascimento deste Segundo Ofício de Registro Civil da Comarca de Itaporanga da Ajuda, Sergipe, e" com letras maiúsculas, "NÃO FOI ENCONTRADO assento de nascimento em nome de José Anselmo dos Santos, nascido em 13 de fevereiro de 1942, filho de Joana Balbina dos Santos. O referido é verdade e dou fé. Itaporanga da Ajuda, 26 de março de 2009. Assinado: Iara Maria Horta Maia. Escrevente: Cirinéia Siqueira.

Comissão - Quem requereu o documento?

Jorge Barrett - Não sei. Ele não diz. O texto é só isso.

Carolina Furtado - É possível que seja em resposta à um ofício da AGU para preparar o texto da União em relação...

Jorge Barrett - Bem... Eu fiz uma pequena pesquisa sobre por que existe um documento chamado "Certidão Negativa" , que devia ser negativa realmente, mas para o caso de "Negativa", eu estudei uma reforma que houve sobre a lei que trata do funcionamento dos registros civis. E ai eu soube que, no caso em que uma pessoa diz que nasceu em tal lugar mas que nunca foi registrado, a primeira tramitação que tem que fazer é exatamente isso aqui. Provar que ele nunca esteve registrado. Então. Estão tirando o documento no ano 2009. Depois de anos que o cabo Anselmo falou que ele nasceu em Itaporanga da Ajuda e que o Cartório tinha queimado e seus documentos foram perdidos no fogo. Mas, segundo o que estamos lendo aqui, Iara Maria Horta, Oficial, diz que fez buscas nos livros de registro de nascimentos do segundo ofício da Comarca em Sergipe, e não foi encontrado. Se a causa de não ser encontrado fosse o

incêndio, certamente estaria nesse documento. Isto prova, realmente, que aquela pessoa que em 1963 entra na Marinha, com o nome de José Anselmo dos Santos, entra com uma documentação fornecida por alguém, provavelmente pela própria Marinha, devido a que nunca entregou documentos ante o requerimento da Justiça. Nunca conseguiu entregar por que não tem documentação em nome de José Anselmo dos Santos.

Roberto Franca - Jorge, aqui tem uma coisa estranha. Diz o nome dele, na certidão, nascido em 13 de fevereiro de 1942. De onde é que vem essa data de nascimento se o Cartório não encontra lá?

Jorge Barrett - Sim, mas na solicitação tem que apresentar a data.

Roberto Franca - A AGU encaminhou com uma data...

Jorge Barrett - ...nascido em tal data...

Carolina Furtado - Possivelmente é uma data declarada por ele.

Manoel Moraes - Na verdade, essa certidão certamente está dentro de um movimento que o cabo Anselmo fez, solicitando indenização à Comissão de Anistia. Sendo que você não pode requerer em um processo administrativo sem ter, nos autos, os documentos, um elemento básico da composição da peça de introdução. Então, ele não tem documentos. Essa é a questão. Então ele, com o advogado dele, que entrou na Comissão de Anistia, ele primeiro tinha que conseguir a prova de que ele não tinha documentos pra que o Estado desse a ele documentos. Ele entrou com uma ação, não foi doutora, solicitando que o Estado fornecesse documentos a ele, entendeu? Esse processo está tramitando.

Fernando Coelho - A certidão não diz que não tem o registro naquele dia, quer dizer, na data em que foi solicitada no documento, mas pode haver um ano depois...dois anos depois e constaria, não é?

(A discussão continua fora do microfone)

Roberto Franca - Eles devem ter feito uma varredura dessa data até o ano do requerimento.

Manoel Moraes- O que é mais grave é que ele dá um depoimento, e uma das ilações que ele faz é exatamente em cima da ausência desse documento. Ele se coloca como vítima do Estado. Por que o Estado não lhe forneceu e não lhe fornece documentos. E aí você encontra isso no debate do Roda Viva, naquele depoimento de 2011 que está na internet. Na verdade ele é protegido por uma rede que existe até hoje.

Fernando Coelho - E o documento não existiria em função do incêndio. Que não houve, por que o documento aqui mencionaria. Tipo: " Há um lapso no período de tanto a tanto que foi desaparecido em função do incêndio ocorrido..." etc. E a Dra. Carolina, eu acredito que tem até mais dados, em relação já aos arquivos da Marinha. Eu não sei se ela pode prestar já alguma informação.

Carolina Furtado - É possível que a União, para a sua defesa no processo judicial, tenha, o que normalmente ocorre, buscado os dados em poder da Marinha. Então, possivelmente existe no processo.

Jorge Barrett - Sim. Foi outorgado um documento da Marinha aonde se registra que ele esteve na Marinha, que ele é Fulano de Tal, filho de Fulana, e lhe é outorgado esse documento à fim de tirar carteira de identidade.

Nadja Brayner - Mas não existe a Certidão de Nascimento, o Registro.

Jorge Barrett - Então ele não conseguiu.

Manoel Moraes - Nós temos um documento de um prontuário, pesquisado por Prof. Vera que é pesquisadora da Comissão e Historiadora, que é o prontuário de Luiz Gonzaga dos Santos. E nesse prontuário há um relatório aonde ele dá um depoimento e cita na terceira página que Cabo Anselmo esteve no Recife, representando a Associação dos Marinheiros, para adquirir... alugar uma casa, não é? Vera podia até falar mais...em Natal, isso, em Natal.

Vera Acioly - Ele pedia ao Luiz Gonzaga pra dar acesso ao prefeito, que era o Djalma, sobre quem eu estava conversando, Djalma Maranhão, por que ele queria adquirir um terreno para uma construção. Isso em 64, no Rio Grande do Norte. E usando o nome de cabo Anselmo. E mais adiante o depoente ainda vai dizer mais. De que perguntou por que era que a casa dele era tão frequentada por militantes e autoridades. E ele não respondeu. Esse documento é uma declaração do próprio Luiz Gonzaga que a essa altura eu acho que é uma das vítimas também do cabo Anselmo.

Nadja Brayner - Pode ser, entendeu. Agora eu acho que a gente tem que ver inclusive as datas, não é Jorge, por que em 64 ele foi preso. Ele foi primeiro pra Embaixada do México, tem uma história mal contada também da saída dele da Embaixada, que ele diz que foi por um sorteio, mas se tem outras histórias que teria havido assédio por parte dele com relação a uma pessoa, a um rapaz, e que a partir disso aí ele teria ficado numa situação de constrangimento e terminou saindo. E a justificativa pra sair seria fazer contatos e tal...logo depois ele é preso.

Manoel Moraes - Nadja, nessa mesma linha, tem uma citação de Paulo Cavalcanti aqui no "O caso eu conto como o caso foi" que fala assim sobre esse período e diz...fala sobre a convivência dele : "Jadiel convivia com homossexuais em Olinda parecendo ser um deles. O seu traço mais peculiar era a comunicabilidade, o que é próprio dos grandes agentes de espionagem, cuja tarefa é infiltrar-se em meios estranhos. Assim como não há nenhum vigarista ou chantagista internacional burro, também não há espião antipático, em se tratando de elementos escolhidos para agir dentro de organizações inimigas, uma coisa é incompatível profissionalmente com a outra." Quer dizer, Paulo Cavalcanti já trazia esse perfil, que nesse livro também traz em função desse assédio. E há uma informação de que talvez até houvesse, Jorge, uma relação com o Onofre Pinto. Você já ouviu falar disso?

Jorge Barret - Sim. Mais duas informações, vamos dizer do mesmo teor. Uma é em Santiago do Chile, comentado pra mim por Aluisio Ferreira Palmar que ele funcionava como motorista de Onofre Pinto quando ele tinha que passar para algum lugar por que Onofre Pinto não dirigia. Então ele sempre esteve muito perto de Onofre Pinto. Da vez que o cabo Anselmo chegou em Santiago do Chile, e eu acho que ele fala disso no "Relatório de paquera", não somente o Onofre foi...vamos dizer...escondeu de todo mundo o cabo Anselmo, quer dizer, não deixou ninguém ter contato com ele. Inclusive foi quando ele chegou que teve...quando cabo Anselmo chegou em Santiago teve um encontro com José Duarte que ele pediu, e Maria do Carmo estava de longe olhando a situação, acho que Ângelo Pezzuti e...OK; essa vez o cabo Anselmo terminou indo para a casa de Maria do Carmo e a noite chega José Duarte de novo com uma outra pessoa para resgatar o cabo Anselmo para levá-lo até Onofre. Depois que cabo Anselmo chegou àquele aparelho de lá, a casa onde ficavam as pessoas que iam de viagem, contatos, depois que ele chegou lá, Aluísio diz que eles ficaram uma semana conversando dentro do quarto. Esse quarto era um dormitório, não tinha mesa, não tinha nada, só uma cama. Então essa é outra referência que eu tenho. Ah, Aluísio também me disse que Onofre tinha fixação por homens altos, musculosos e louros. Não sei, eu nunca vi, nada de suspeito em Onofre Pinto. Mas sim em cabo Anselmo. A outra é de Cuba. Tinham que chegar ao Brasil o cabo Anselmo junto com Evaldo. Aí no relatório do cabo Anselmo fala que era pra vir com Evaldo mas ele veio sozinho por que não sabia que situação disciplinar tinha transgredido Evaldo por que ficou lá e ele veio sozinho. Novamente a situação que eu sei, por outros lados, é que ele e o Evaldo, do campo de treinamento foram trasladados para Havana, para um hotel, antes, como prévia da viagem para a Europa e depois para o Brasil. Nesse hotel, Evaldo contou para os outros militantes que o Anselmo tinha tentado pressioná-lo sexualmente, e falou para os cubanos, falou para os brasileiros, houve uma situação de reunião sobre isso, e finalmente ele desculpou-se e tudo, falando que foi besteira, não sei o quê, que o mais

importante era a revolução, tudo isso, mas terminou que Evaldo não quis simplesmente vir com ele. Se recusou, exatamente. Então veio ele sozinho. Na minha pesquisa eu sabia que tinham que chegar dois, ele e mais um, então eu pensei que ele tinha vindo com Aluisio Palhano, mas não foi assim. Aluísio veio sozinho e ele também. Depois, no Recife, em Olinda realmente, eu quando cheguei, cheguei a uma casinha da COHAB de Rio Doce e nessa casinha estavam hippies, mas não hippies... vamos dizer assim, eram hippies que além disso eram homossexuais. Eu não acho que isso seja muito...coisa ruim, nem nada disso, mas a pergunta era se eu sabia alguma coisa sobre isso, né? Soledad não gostou daquilo tudo, aqueles hippies fumavam maconha, por isso foi mandando embora esse pessoal. Até que não chegou mais ninguém. Outra coisa, o Anselmo ficou muito amigo do...alguém se lembra? Pai Edú? Muito amigo do Pai Edú. E as piadas sempre eram piadas de homossexuais.

Nadja Brayner - É, Jorge, eu acho que é importante a gente marcar o seguinte: é que do ponto de vista nosso, não é, da Comissão, nós não tratamos aqui, evidentemente, nem estamos preocupados com a opção sexual de cada um; a nossa questão é tentar entender por que tanta confiança, por exemplo, no caso de Onofre, tantas evidências já existiam, não é, e por que ele se recusava a admitir. Então, logicamente, que na investigação, a gente caminha considerando todos os aspectos. Uma das questões é essa, poderia ser, essa...algum tipo de envolvimento, e uma outra questão também que você começou a falar e eu acho que a gente também deveria aprofundar que seria a partir da vinculação dele com Fleury aqui, a questão do dinheiro. O rastreamento dos dólares. Por que a gente sabe que, naquela época, a primeira coisa que a polícia fazia, que a repressão fazia quando chegava em qualquer aparelho era buscar o dinheiro que tinha e botar no bolso. Isso dificilmente aparecia na imprensa que tinha sido achado, e tal. Então, ocorreram vários assaltos e a gente sabe que em muitos casos eles se apropriavam do dinheiro expropriado, vamos dizer assim. Então isso já existia e considerando os valores referentes ao cofre de Adhemar, quem é que tinha o domínio desse dinheiro? Era exatamente Onofre, era Lia, foi o pessoal que ficou administrando esse dinheiro. Então por isso a nossa preocupação, as nossas questões nesse sentido, para tentar entender, na verdade, toda essa trama. Então era importante a gente dizer isso. Não temos nada a ver com a escolha, agora isso é...

Jorge Barrett - É para entender o relacionamento, não é? A mesma coisa, minha intenção sempre foi essa.

Fernando Coelho - Eu quero agradecer à Dra. Carolina, que precisa se retirar para outro compromisso, e já formulei o convite, que ela volte mais vezes.

Carolina Furtado - Obrigada. Eu digo o mesmo, as portas estão abertas. Eu tenho que ir por que eu tinha já um compromisso marcado às três horas, mas estou às ordens pra que a gente possa prosseguir.

Fernando Coelho - Com a palavra a Prof. Socorro.

Socorro Ferraz - Boa tarde. Ouvi com muita atenção o seu depoimento. E havia lido também todas as informações que estão no documento do DOPS, no seu prontuário. E quero agradecer mais uma vez a sua visita, acho que ela foi muito importante e, realmente, pelo seu relato, você tem... pelo seu relato, talvez você não tivesse a compreensão que você tem hoje desses fatos, na época. O tempo é muito importante para você ser a testemunha. É inexplicável que você tenha permanecido vivo. Muitas vezes não se pode explicar, digamos, por coisas racionais, por algo de raciocínio, o que aconteceu com você. Mas quando eu ouvi o seu depoimento e eu também não trouxe o seu prontuário, mas eu tenho a impressão, se eu estiver errada você me diga, que você havia dito que quando você chega no Chile e que o cabo Anselmo havia pedido 25 mil reais...

Jorge Barrett - Dólares!

Socorro Ferraz - Desculpe, 25 mil dólares, o Onofre lhe disse que você só levaria de volta 5 mil. E você achou estranho, e disse à Polícia, por que está no depoimento do DOPS, que acha que foi por falta de confiança em você, ou de confiança no próprio Anselmo, não é? Mas você achou, naquele momento, que foi falta de confiança, você não completa a frase, diz que era falta de confiança em você ou falta de confiança no Onofre (**Socorro faz uma troca de nomes, mas quer dizer Anselmo**), ou nos dois pois você vinha da parte dele... de Anselmo, desculpem. Então você trouxe 5 mil ou trouxe 25 mil?

Jorge Barrett - Vinte mil primeiro e cinco mil depois. No total, 25 mil.

Socorro Ferraz - Ah, na primeira visita você traz os vinte mil e depois mais...

Jorge Barrett - Exatamente. Na segunda cinco e depois mais nada.

Socorro Ferraz - E por que você diz no seu depoimento que só traz cinco por que ele não quis lhe dar o restante?

Jorge Barrett - Errrrrr...O que eu me lembro é o seguinte, dessa situação: Se eu falasse que eu trouxe vinte mil dólares eu tenho certeza que eu teria apanhado muito mais. Talvez eu tenha feito, isso faz muito tempo, talvez eu tenha feito uma relação entre quantidade de dinheiro que justificaria mais ódio contra mim e eu apanharia muito mais.